



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PRÓ- REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE
(PROFLETRAS)
UNIDADE DE ITABAIANA**

KATHIUSCIA SANTOS DE BRITO

**NAS TRILHAS DO ROMANCE: UMA LEITURA LITERÁRIA DA DONZELA
GUERREIRA**

ITABAIANA
2020

KATHIUSCIA SANTOS DE BRITO

NAS TRILHAS DO ROMANCE: UMA LEITURA LITERÁRIA DA DONZELA
GUERREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) – Unidade Itabaiana – da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dr^a. Jeane de Cássia Nascimento Santos

ITABAIANA
2020

KATHIUSCIA SANTOS DE BRITO

**NAS TRILHAS DO ROMANCE: UMA LEITURA LITERÁRIA DA DONZELA
GUERREIRA**

Dissertação apresentada ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS) – UNIDADE ITABAIANA –, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

JEANE DE CÁSSIA NASCIMENTO SANTOS- Orientadora
Doutora em Letras, Universidade de São Paulo
Universidade Federal de Sergipe

ADRIANA SACRAMENTO DE OLIVEIRA – Membro externo
Doutora em Letras - Literatura e Outras Práticas Sociais, Universidade de Brasília
Universidade de Brasília / Universidade Federal de Sergipe

CHRISTINA BIELINSKI RAMALHO– Membro interno
Doutora em Letras - Ciência da Literatura/Semiologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro / Universidade Federal de Sergipe

A mainha, por ser a minha maior inspiradora, dedico à senhora a realização desse sonho.

A meu pai e meus irmãos, pelo apoio e força.

A meu esposo, pelo companheirismo e paciência.

Aos meus alunos e alunas, pela participação.

Aos professores do PROFLETRAS-turma 5, pelos saberes compartilhados.

Aos amigos e amigas do PROFLETRAS-turma 5, pelo acolhimento e amizade sincera.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, o grande amigo de todas as horas, por me proteger e conduzir as minhas ações.

A mainha, por ser minha fortaleza, minha idealizadora, por todo o seu amor, dedicação e confiança.

Ao meu pai, pelo apoio. Aos meus irmãos, Luiz Vânio, Alef e, em especial, a Eduardo pelo acolhimento e apoio que recebi ao longo do curso.

Ao meu esposo, Renivan, pela paciência e companheirismo.

Aos meus familiares e amigos pelo incentivo.

A vovô (Otávio) (*in memoriam*), por sua companhia terna e por ser um exemplo de fé e determinação!

A todos da Escola Estadual Epifânio Dória – Poço Verde – SE.

A todos os meus alunos e alunas, pela participação e contribuições.

Aos funcionários da Secretaria do PROFLETRAS - *Campus* Itabaiana, em especial, à Andréa e Jeferson, pelo desempenho em suas funções de forma humana e solidária.

Aos professores do PROFLETRAS - *Campus* Itabaiana, pela dedicação e pelos ensinamentos que me acompanharão pela vida. Em especial, aos professores Carlos Magno e Ricardo, pelas reflexões e saberes compartilhados em prol de uma docência mais humana.

Aos professores da banca examinadora, Alvanita Santos e Carlos Magno, pelas sugestões e contribuições dadas ao meu trabalho.

À minha orientadora, pelo apoio e parceria.

Aos meus colegas do PROFLETRAS – Turma 5, pelo carinho com que fui acolhida, pelos laços de amizade criados ao longo da nossa jornada, que conseguiram envolver a todos e construir uma grande família. Em especial, agradeço a Hilda, por ser tão humana, por sua sensibilidade e amizade; a Júnior e Hedenilza, pelo companheirismo e troca de experiências ao longo da realização dos trabalhos e apresentações; a Gisele, por sua disposição e solidariedade; a Kelly, pela palavra amiga em horas difíceis; a Juliana, Rosana e Fábio, pela companhia amiga durante as viagens.

Enfim, agradeço a todos vocês pelos desabafos, pelo compartilhamento de ideias e saberes, pela parceria, por nossas confraternizações constantes, pelas alegrias, enfim, muito obrigada por tudo! Vocês sempre terão um lugar muito especial em meu coração!

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta de leitura literária a partir do romance *Donzela Guerreira*, selecionado do livro de Jackson da Silva Lima, *O folclore em Sergipe* (1977). Os romances são narrativas orais cantadas em versos e se constituem enquanto gênero oral popular. A escolha do gênero justifica-se diante do número reduzido de propostas de leitura voltadas para os textos da tradição oral popular, no que se refere ao ensino de literatura. Assim, dentre os inúmeros romances, foi selecionado o texto *Donzela Guerreira*. O estudo sobre o romance é feito a partir das pesquisas realizadas por Alvanita Santos (2005), em sua tese intitulada *Canto das mulheres – entre bailar e trabalhar: relações de gênero em narrativas orais (romances)*, juntamente com a dissertação de Antônio Marcos Trindade, sobre os romances no contexto sergipano, intitulada *O lamento das Severinas: relações de gênero no romanceiro sergipano*. A proposta de leitura literária foi feita a partir das reflexões teóricas abordadas por Rouxel e Rezende (2013) sobre leitura subjetiva, formação do leitor sensível e experiência estética. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual de Sergipe, com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II. Ao compreender os romances enquanto textos da literatura oral popular pertencentes ao universo feminino, observou-se a possibilidade de propor uma leitura literária a partir da perspectiva das relações de gênero presentes entre o romance *Donzela Guerreira* e o conto *Entre a espada e a rosa*, de Marina Colasanti (1992). O recorte produzido considerando as relações de gênero foi realizado a partir dos estudos sobre o leitor cultural, empreendido por Gomes (2011). A presente pesquisa apresenta como proposta de trabalho a realização de oficinas de leitura literária visando, dentre outros objetivos, a possibilitar o (re)conhecimento da literatura oral popular, familiarizar os alunos com a leitura literária dos romances, a fim de proporcionar o desenvolvimento de experiências estéticas singulares aos alunos, seguindo os pressupostos apresentados por Rouxel (2013). A pesquisa apresenta o Caderno de Leitura: *Donzela Guerreira: em busca da tradição oral sergipana* como um material didático que busca promover aos professores e aos alunos o (re)conhecimento de um gênero da tradição oral popular, de modo a garantir a inclusão da oralidade no ensino de literatura e contribuir para a formação de leitores.

Palavras-chave: Romances. Literatura oral popular. Formação de leitores.

ABSTRACT

This work intends to present a literary reading proposal based on the novel *Donzela Guerreira*, selected from the book by Jackson da Silva Lima: “O folclore em Sergipe” (1977). Novels are oral narratives sung in verse and constitute themselves as a popular oral genre. The choice of the genre is justified in view of the reduced number of reading proposals aimed at the texts of the popular oral tradition, with regard to teaching literature. Thus, among the innumerable novels, the novel *Donzela Guerreira* was selected. The study of the novel is based on research carried out by Alvanita Santos (2005), in her thesis entitled, *Canto das Mulheres - Between dancing and working: gender relations in oral narratives (novels)*, together with the dissertation work. on the novels in the Sergipe context, by Antônio Marcos Trindade, entitled “The lament of Severinas: gender relations in the Sergipe novelist”. The literary reading proposal was made from the theoretical reflections addressed by Rouxel and Rezende (2013) on subjective reading, sensitive reader training and aesthetic experience. The research was carried out in a school of the state network of Sergipe with students of the 9th year of elementary school II. When understanding the novels as texts of popular oral literature belonging to the female universe, the possibility of proposing a literary reading from a perspective of the gender relations present between the novel *Donzela Guerreira*, along with the short story: “Between the sword and the rose”, by Marina Colasanti (1992). This research presents as a work proposal the realization of literary reading workshops aiming, among other objectives, to enable (re)knowledge of popular oral literature, familiarize students with the literary reading of novels, in order to provide the development of experiences aesthetics unique to students, following the assumptions presented by Rouxel (2013). The research presents the “Reading Notebook: *Donzela Guerreira*: in search of the oral tradition of Sergipe” as a didactic material that seeks to promote to teachers and students a (re) knowledge of a genre of the popular oral tradition, aiming to guarantee the inclusion of orality in the teaching of literature and contribute to the formation of readers.

Keywords: Novels. Popular oral literature. Reader education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nas trilhas do romance	61
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Questionário de Sondagem	46
Quadro 2 – Etapas da primeira oficina	60
Quadro 3 – Etapas da Segunda Oficina	62
Quadro 4 – Etapas da Terceira Oficina	63

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CAMINHOS TEÓRICOS	15
2.1 LEITURA SUBJETIVA	15
2.2 LEITURA LITERÁRIA	20
2.3 RECEPÇÃO	23
3 EM BUSCA DO ROMANCE	28
3.1 EM BUSCA DO ROMANCE	28
3.2 O ROMANCE NO CONTEXTO DE SERGIPE	30
4 POR UMA POÉTICA DA ORALIDADE	34
4.1 TRADIÇÕES ORAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS E NECESSÁRIOS	34
4.2 ESPECIFICIDADES DA LITERATURA ORAL	41
5 O PÚBLICO	44
5.1 PERFIL DA ESCOLA	44
5.2 LEVANTAMENTO SOBRE LEITURA LITERÁRIA	45
5.3 QUESTIONÁRIO DE SONDAAGEM	46
5.4 PERFIL DOS ALUNOS	47
5.5 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DE SONDAAGEM	48
5.6 MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA DO ROMANCE	50
5.7 LITERATURA ORAL POPULAR: UMA PROPOSTA	51
6 A NARRADORA	54
6.1 PRÁTICA DE LEITURA	54
6.2 AS RELAÇÕES DE GÊNERO COMO PROPOSTA	56
7 A PERFORMANCE	59
7.1 OFICINAS DE LEITURA LITERÁRIA ORAL POPULAR: ROMANCE	59
7.2 ONDE ESTÁ A CULTURA ORAL POPULAR?	59
7.3 CONHECENDO O GÊNERO ROMANCE	60
7.4 LITERATURA ORAL POPULAR E SUAS PARTICULARIDADES	61
7.5 LITERATURA ORAL POPULAR: DIÁLOGOS	63
8 ANÁLISE DOS DADOS	65
8.1 PRODUTO	65

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICES	71
APÊNDICE A – CAPA- “DONZELA GUERREIRA: EM BUSCA DA TRADIÇÃO ORAL SERGIPANA	71
APÊNDICE B – PÁGINA 2	72
APÊNDICE C – APRESENTAÇÃO (P. 4)	73
APÊNDICE D – SUMÁRIO	75
APÊNDICE E – 2. O ENCANTAMENTO DO CONTAR	76
APÊNDICE F – 3. O QUE É ROMANCE?	77
APÊNDICE G – 4. EM BUSCA DO ROMANCE	78
APÊNDICE H – 5. LEITURA DOS ROMANCES <i>DONA INFANTA</i> E <i>DELGADINHA</i>	79
APÊNDICE I – 6. SENSILIZAÇÃO TEMÁTICA: DONZELA GUERREIRA	80
APÊNDICE J – 7. A DONZELA GUERREIRA NA HISTÓRIA	81
APÊNDICE K – 8. A DONZELA GUERREIRA NA LITERATURA	82
APÊNDICE L – 9. A DONZELA GUERREIRA NO CINEMA	83
APÊNDICE M – 10. DONZELA GUERREIRA E O MITO DAS AMAZONAS	84
APÊNDICE N – 11. AS ÍNDIAS GUERREIRAS: YKAMIABAS	85
APÊNDICE O – 12. DONZELA GUERREIRA NA CULTURA AFRICANA	86
APÊNDICE P – 13. DONZELA GUERREIRA NA LITERATURA ORAL SERGIPANA	87
APÊNDICE Q – 14. TRADIÇÕES ORAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO: DIÁLOGOS	88
APÊNDICE R – 15. RELEITURA DO ROMANCE DONZELA GUERREIRA	89
APÊNDICE S – 16. CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
APÊNDICE T – CADERNO DE LEITURA DO(A) ALUNO(A)	91
APÊNDICE U – NAS TRILHAS DO ROMANCE (INTRODUÇÃO DO VÍDEO)	92
ANEXOS	93
ANEXO A – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE	93
ANEXO B – TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS	94
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	95
ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	96

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma proposta de leitura literária do romance *Donzela Guerreira*, selecionado do livro *O folclore em Sergipe* (1977), de Jackson da Silva Lima, realizada através de oficinas. Desde já, é necessário esclarecer que o romance trabalhado nesta dissertação não é o romance em prosa, tal como o conhecemos desde o século XIX. Esse romance refere-se às narrativas orais populares em versos produzidas por mulheres durante a realização de atividades diversas de trabalho.

O *romance* pertence à literatura oral popular e o uso do referido termo provoca alguns questionamentos e juízos de valor que estão cristalizados na sociedade, sobretudo se considerarmos que o próprio conceito de literatura é originário da palavra *littera* que significa letra, conforme Santos (2005, p. 36). Ou seja, o conceito de literatura desde sua etimologia está ligado à cultura escrita.

Por outro lado, caso os *romances* fossem destituídos do conceito de literatura popular e passassem a ser nomeados enquanto folclore ou manifestação cultural, por exemplo, tal fato também poderia acarretar em duas situações: a primeira resultaria em considerar tais produções desacreditadas ou indignas de pertencer ao âmbito literário; a segunda seria atribuir-lhe um sentido pejorativo, ligado ao conceito de folclore, que costuma ser entendido por algo fantasioso, irreal, ilusório ou sobre o qual não se deve acreditar.

Assim, compreender o romance enquanto literatura oral popular acaba sendo um posicionamento político e ideológico por reconhecer que o termo literatura carrega em si valor e poder. Acerca dessa premissa, Adolfo Colombres (2006) apresenta a seguinte afirmação “Si se quiere reivindicar la dignidad de la producción narrativa y poética de la oralidad, no se puede renunciar, tan solo por un prurito etimológico, a ese baluarte con prestigio que devino el concepto de literatura” (COLOMBRES, 2006, p. 27). Então, de acordo com a afirmação de Colombres (2006), é possível afirmar que considerar o romance enquanto literatura oral está muito além de uma mera escolha de nomenclatura e/ou questões relacionadas à etimologia, a literatura é um termo que assegura legitimação às narrativas orais, usá-lo, portanto, é uma forma de reivindicar o lugar dessas produções no âmbito literário. Dessa forma, ao propor a leitura de um texto considerado “fora do cânone”, ou seja, incluir as narrativas orais como proposto, é uma forma de ampliar e expandir o conceito de literatura.

Além disso, a prática de leitura do romance favorece o estudo sobre algumas particularidades que caracterizam o texto oral, dentre elas, destacam-se os conceitos de

autoria e performance que podem contribuir para o (re)conhecimento e apreciação das poéticas orais femininas por professores e estudantes.

O texto escolhido para esse recorte foi o romance *Donzela Guerreira*, narrado por Dona Maria dos Anjos, colhido pelo folclorista Jackson da Silva Lima em 1974 e publicado em seu livro *O folclore em Sergipe* em 1977. A versão intitulada *Dão Varão* narra a história de um pai que teve sete filhas e nenhum filho, que foi convocado a ir à guerra, mesmo sem condições de lutar. Nessa situação, uma das filhas disfarça-se de homem e decide ir no lugar do pai. Durante a guerra, ela se utiliza de algumas estratégias para não ser reconhecida, principalmente pelo filho do general, que tem por ela certa admiração. O desfecho compreende o momento do casamento entre a *Donzela Guerreira* e o filho do general.

Optamos pelo romance pelo fato de que esse gênero abre-nos um leque de outras possibilidades. A principal delas é, justamente, oportunizar a apresentação de uma proposta de leitura literária realizada através de um gênero da literatura oral sergipana ainda pouco trabalhado enquanto texto literário nas práticas escolares. Portanto, a escolha do gênero romance justifica-se, também, pela possibilidade de propor a valorização da oralidade nas práticas de ensino de literatura.

Dessa forma, a fim de atender a tais objetivos, e também diante da riqueza de elementos que constitui o gênero, bem como as inúmeras possibilidades de leituras possíveis a partir dele, a presente proposta de leitura literária foi construída a partir de algumas reflexões teóricas.

Nesse contexto, embora o romance *Donzela Guerreira* seja um gênero da literatura oral sergipana, observamos, ao longo da realização do trabalho, que o texto permanecia desconhecido para alguns estudantes. Seria preciso seguir, então, alguns caminhos teóricos para se chegar às trilhas do romance. Para isso, consolidamos a proposta de sua leitura a partir das perspectivas teóricas de leitura subjetiva e leitura literária abordadas por Rouxel e Rezende (2013), e as teorias da recepção propostas por Hans Robert Jauss (1979).

Inicialmente, a proposta de leitura começa a ser construída a partir das concepções de leitura subjetiva e literária, que propõem a necessidade de repensar a abordagem dos textos em sala de aula. Soma-se a isso a constatação de um número reduzido de práticas de leitura que priorizassem a literatura oral sergipana no contexto escolar. Dessa forma, acreditamos que a leitura literária do romance *Donzela Guerreira* emerge como uma proposta alternativa para realização de tais mudanças.

As concepções teóricas de leitura subjetiva e literária consolidam a proposta de leitura de *Donzela Guerreira*, na medida em que pressupõem uma mudança, uma reconfiguração do papel do sujeito leitor, propondo que ele leia a partir de si e que reconheça, portanto, que o texto é construído a partir das subjetividades de quem o lê. Assim, a proposta de leitura de textos da literatura oral sergipana compartilha de tais perspectivas, pois aposta em um gênero que pertence à memória de sua comunidade social.

A proposta de leitura literária apresentada retoma algumas das concepções das teorias da recepção abordadas por Hans Robert Hauss (1979), por reconhecer que há nelas a valorização da experiência estética, além do fato de que o prazer estético é compreendido como processo dialógico, no qual o leitor pode conhecer-se através do olhar do outro.

Em seguida, partimos em busca de estudos e pesquisas sobre o gênero romance. De forma prévia, é esclarecido seu pertencimento à literatura oral popular. Nesse contexto, dentre as referências utilizadas para a construção da proposta de leitura literária do romance, há um destaque para as pesquisas realizadas por Alvanita Santos (2005; 2019), principalmente a sua tese intitulada *Canto das mulheres – entre bailar e trabalhar: relações de gênero em narrativas orais (romances)*, de 2005. Na tese, são apresentadas as possíveis “origens” do romance, algumas das suas definições e particularidades e, principalmente, as reflexões sobre as relações de gênero presentes em alguns romances.

Em seguida, são apresentados os estudos realizados sobre o romance no contexto sergipano, a partir de pesquisas de Antônio Marcos Trindade (2015) em *O lamento das Severinas: relações de gênero no romanceiro sergipano*.

A construção da proposta de leitura literária situa o romance enquanto texto no qual as tradições orais e as relações de gênero se mantêm em diálogo. Nessa etapa, são retomados os estudos da pesquisadora do romance Ria Lemaire (1990), bem como são analisados alguns trechos do romance *Donzela Guerreira*. Em seguida, são evidenciadas algumas das especificidades da literatura oral.

Há também a contextualização da realidade da turma na qual a proposta de leitura literária do romance *Donzela Guerreira* foi realizada. O público-alvo é uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II, de uma escola da rede estadual de ensino de Sergipe. Em seguida, houve a aplicação de uma atividade diagnóstica, a fim de conhecer o perfil da turma e as expectativas diante da realização do projeto, o que também se constitui como uma forma de justificar a realização do trabalho.

Além disso, por suas condições de produção, seus temas e pelas personagens femininas, o romance pode ser considerado pertencente ao universo feminino. Assim, a prática de leitura foi construída a partir da perspectiva das relações de gênero, o que tornou possível promover uma leitura do romance em diálogo com o conto *Entre a espada e a rosa*, de Marina Colasanti (1992).

São também divulgadas as etapas que constituíram a construção da proposta, realizadas através das oficinas de leitura literária, seguidas da análise dos dados, apresentação do produto e das considerações finais.

O produto resultante do projeto de intervenção foi o Caderno de Leitura do(a) aluno(a), intitulado *Donzela Guerreira: em busca da tradição oral sergipana*, construído com o intuito de dinamizar a proposta de leitura literária do romance através de um conjunto de leituras sobre a temática. A formação do leitor cultural, empreendida por Gomes (2011), ganha espaço nesta proposta porque pressupõe a análise identitária das personagens através da representação estética, e evidencia, portanto, as relações de gênero presentes em *Donzela Guerreira*.

2 CAMINHOS TEÓRICOS

2.1 LEITURA SUBJETIVA

Um dos grandes desafios enfrentados pelos professores no que refere ao ensino de literatura é justamente: Como contribuir para a formação de leitores? Como construir práticas de leituras inovadoras? A proposta apresentada de leitura literária do romance de tradição oral sergipana *Donzela Guerreira* emerge enquanto uma alternativa que tenta responder a tais questionamentos.

No entanto, a difícil tarefa de formar leitores requer também mudanças significativas no exercício da docência, pressupõe muitas e diversas reflexões e desconstruções acerca das práticas de leitura, mas, sobretudo, propõe repensar as abordagens dadas ao texto na sala de aula. Esse processo se configura como complexo, mas extremamente necessário para a realização de mudanças que urgem a ser implementadas.

Uma das principais mudanças a ser realizada no que se refere às práticas de ensino de literatura realizadas no contexto escolar é o de reconstruir a importância do sujeito leitor durante a experiência de leitura de uma obra. Nesse cenário, estudos, pesquisas e debates propõem alternativas metodológicas que trazem consigo outras abordagens voltadas, principalmente, para a valorização da experiência pessoal do leitor, de modo a favorecer uma apropriação singular das obras e, conseqüentemente, promover experiências significativas com a leitura.

A leitura subjetiva, a leitura literária e a teoria da recepção, que serão apresentadas ao longo do trabalho, exemplificam algumas dessas abordagens porque propõe alternativas para a formação de leitores. Ao começar pela leitura subjetiva, que se configura como uma dessas abordagens que promove a valorização da experiência estética do leitor, evoca-o a ousar a ler a partir de si, fornece-lhe condições para que seja capaz de argumentar sobre sua recepção.

Antes de compreender as contribuições advindas da perspectiva teórica da leitura subjetiva, faz-se necessário, no entanto, retomar algumas das teorias que começavam a delinear os caminhos teóricos percorridos até chegar a essas abordagens.

No que se refere aos debates travados a partir das teorias centradas no sujeito, é preciso reconhecer as potencialidades e a importância do caráter precursor de algumas concepções teóricas, na medida em que contribuíram significativamente para a configuração do que hoje é compreendida como leitura subjetiva. Algumas dessas perspectivas centradas no

sujeito foram refletidas por Silviano Santiago (2002), em *Singular e anônimo*, no qual evidencia o importante papel do leitor para a literatura ao analisar a obra de Ana Cristina César. Dessa forma, o autor apresenta que:

Para penetrar no poema (para ressuscitá-lo no túmulo da escrita), é preciso tomar posse dele, é preciso avançar a própria força transgressora de leitor, abrindo o caixão fechado a sete chaves, permitindo que a linguagem exista como é – em travessia para o outro. É preciso desentvergonhadamente abrir brechas e janelas por onde deixar desejo e ar circularem de novo no recinto hermeticamente fechado e até mesmo mofado pelo tempo, tempo que é a condição do perene (SANTIAGO, 2002, p. 70).

Embora Silviano Santiago (2002) atenha-se aos protocolos postulados por Ana Cristina César para o leitor de sua poesia, especificamente, o autor constrói sua análise acerca da importância da figura do leitor para a literatura e, assim, corrobora com muitas questões que permeiam a teoria literária, tais como: o leitor, a estética da recepção e a própria literatura.

Dentre as atitudes a serem tomadas pelo leitor ao ler um poema (mas leia-se: ao fazer a leitura de uma obra literária), algumas das principais atitudes tratam da necessidade de o leitor se apropriar do texto, progredir na própria “transgressão de leitor, possibilitar que a linguagem exista como ela é – como travessia para outro”. A apropriação da obra pelo leitor possibilita que ele imprima sua singularidade e, dessa forma, acaba por transgredi-la, mas não em um sentido pejorativo ou nocivo, e sim conseguindo ressignificá-la a partir da sua subjetividade.

Dessa forma, ao considerar o sujeito leitor, bem como a sua dimensão e importância para a obra, ressignificando-a a partir de sua subjetividade, tais perspectivas podem ser consideradas como prenúncios do que hoje se compreende como leitura subjetiva.

Um dos trabalhos que pressupõe a reconfiguração do ensino de literatura, a ser concretizado através da formação do leitor, é *Leitura subjetiva e ensino de literatura*, de Neide Luzia Rezende, Annie Rouxel e Gérard Langlade (2013). Essa coletânea compreende várias reflexões teóricas que propõem a inserção do sujeito leitor, a fim de promover uma apreciação estética das obras a partir de uma proposta de leitura literária subjetiva. Uma delas é a de Rezende (2013), que apresenta a seguinte afirmação:

Ou seja, ricas em potencialidades, as teorias centradas no sujeito não foram, contudo, capazes de produzir mudanças significativas no trabalho com a leitura, principalmente na literária. De resto, a própria expressão “leitura literária”, gradativamente inserida no discurso pedagógico em lugar de

“ensino de literatura” nas últimas décadas, também supõe outra concepção de literatura na escola, a qual se encontra presente neste livro que ora traduzimos: a do leitor como instância da literatura (REZENDE, 2013, p. 12-13).

Dessa forma, é possível reconhecer que, apesar da “riqueza e potencial”, as contribuições dadas pelas teorias centradas no sujeito não conseguiram empreender “mudanças significativas no trabalho com a leitura”, nas palavras de Rezende (2013). Porém, a autora evidencia que o conceito de “leitura literária”, longe de estar limitado a uma mera mudança de nomenclatura, pressupõe mudanças que evocam o sujeito leitor, trazendo-o para o cerne da literatura, e ressignifica sua dimensão e importância na obra, ao passo em que o texto constrói-se a partir de suas múltiplas e diversas subjetividades.

É possível evidenciar que o ensino da literatura tem sido realizado de forma equivocada e, muitas vezes, sofrido certo descaso. Um dos exemplos citados por Rezende (2013), para evidenciar tal equívoco, é o de uma situação bastante comum, na qual um aluno do 6º ano sai do universo dos livros infantis para adentrar o universo das obras infanto-juvenis e adultas, no entanto, ele será provavelmente apresentado ao verso decassílabo de Camões, ao invés de mergulhar no universo semântico da poesia.

Infelizmente, tal falha ocorrida no ensino de literatura não fica restrita apenas ao Ensino Fundamental, pois é possível perceber que prática bastante semelhante ocorre também no Ensino Médio em que, muitas vezes, estudar literatura resume-se a tão somente ter conhecimento sobre a sua historiografia, ao invés de trabalhar com a leitura das obras de fato. Tal equívoco tem contribuído para que muitos alunos acreditem que o ensino de literatura seja compreendido através da memorização dos nomes dos seus principais autores, bem como das principais características de cada escola literária, o que tem contribuído para que os alunos apresentem não só um déficit de leitura, mas que sejam levados a crer em um ensino de literatura engessado, descontextualizado, e que leva a compreensões superficiais e rasas.

Entretanto, aceitar e considerar as subjetividades de crianças e de jovens a partir da leitura de uma obra, na maioria das vezes, não foi vista com “bons olhos”. A apresentação dessas impressões sempre foram consideradas descabidas, intoleráveis, negligenciadas, perniciosas, problemáticas e “nocivas” para a literatura, justamente por não estarem “amparadas” e/ou “autorizadas” no e pelo texto. Portanto, as singularidades seriam consideradas “ilegítimas”.

Assim, por muitos anos e ainda hoje perdura, no ensino de literatura, a “naturalização” do processo de exclusão da subjetividade do leitor, ao passo em que é possível encontrar, até mesmo em documentos oficiais, definições que acreditam que todas e quaisquer impressões pessoais, a saber, emoções, reflexões e associações sejam tão somente fontes de erros, formas equivocadas que atrapalham a compreensão e a recepção da obra.

Por outro lado, é preciso considerar que tais abordagens estão cristalizadas no imaginário docente também porque foram essas as práticas adotadas ao longo da própria formação de alguns professores. Portanto, não é tarefa fácil nem simples desvencilhar-se dessas metodologias. No entanto, é preciso compreender a importância de mudanças e buscar alternativas metodológicas para propor outras formas de ler o texto.

Dessa forma, diante de tais premissas, Gérard Langlade (2013), em *O sujeito leitor, autor da singularidade da obra*, faz a seguinte constatação:

Assim, por mais presentes e ativos que sejam, toda experiência de leitura literária, os distúrbios, as emoções, os devaneios, as associações de idéias ou mesmo vinculações espontâneas, que têm suas raízes na personalidade profunda, na história pessoal, nas recordações literárias ou lembranças de momentos vividos do indivíduo que lê, são considerados elementos que falseiam, embaçam, e emaranham a recepção de uma obra a ponto de lançá-la para fora do campo da literatura (LANGLADE, 2013, p. 25).

Assim, ao fazer tal afirmação, Langlade (2013) desmistifica uma das principais visões equivocadas que, infelizmente, ainda se encontra bastante cristalizada nas práticas escolares, sobretudo as que são direcionadas ao ensino de literatura, que é o fato de que, para se tornar um leitor “proficiente” de literatura, é preciso abandonar, desprezar, anular, apagar todo e qualquer resquício de sensibilidade que a obra venha a provocar.

De acordo com essa visão, criticada pelo autor, a condição necessária para se alcançar uma leitura efetiva da literatura seria a de, contraditoriamente e ironicamente, não se ter qualquer tipo de sensação, identificação, associação, afetividade, ou seja, não se deixar “tocar” por ela, não a experimentar, no sentido de que não se pode ter quaisquer tipos de experiência estética com a obra. Ora, o que é a literatura, senão a vida, o mundo e nós mesmos? A literatura é “travessia para o outro”, como evidencia Santiago (2002).

Diante de tais concepções acerca da leitura subjetiva, faz-se necessário refletir sobre a importância do sujeito leitor, na medida que ele possui o seu conhecimento de mundo, suas memórias de leitura, são sujeitos construídos social, histórica e ideologicamente. Portanto, sendo diferentes sujeitos, também diversas e múltiplas serão suas subjetividades, as quais

estão inseridas em sua comunidade social, pois nela convivem, são produzidas e ressignificadas.

Dessa forma, a concepção teórica de leitura subjetiva consolida a construção da proposta de leitura literária do romance *Donzela Guerreira* apresentada, por acreditar que o referido gênero da literatura oral sergipana evoca a presença do seu leitor ao aproximá-lo de um texto pertencente à sua comunidade social e cultural, e potencializa, assim, as múltiplas e diversas subjetividades que podem ser suscitadas pela leitura da obra.

Annie Rouxel e Gérard Langlade (2013) afirmam que algumas das contribuições dadas ao importante papel do leitor foram feitas pelas teorias centradas no sujeito, dentre as quais as teorias da recepção desenvolvidas na França nos anos de 1970, que representam algumas das principais abordagens. Dentre os seus principais autores, Wolfgang Iser destaca-se ao afirmar que “O texto só existe pelo ato de constituição de uma consciência que o recebe” (ISER, 1976, p. 49). Também é relevante Hans Robert Jauss, que afirma que “busca definir a noção de horizonte de expectativa e teorizar sobre a obra, considerando-a um conjunto em contínua expansão” (JAUSS, 1979, p. 99).

Há uma presença constante e evidente do leitor “real” e “empírico” nos bastidores das teorias da recepção, que com sua subjetividade e singularidade ressignificam as obras, posto que toda leitura promove reações subjetivas e experiências estéticas diversas, a saber: sorrisos, hesitações, silêncios etc.

Embora se reconheça a complexidade que a figura do leitor promove, tendo em vista as diversas e múltiplas subjetividades que o compõem, a audaciosa perspectiva da leitura subjetiva propõe uma reconfiguração, uma mudança de paradigmas capaz de equiparar autor-texto-leitor num mesmo jogo de importâncias que não se sobrepõem.

Assim, uma forma de torná-lo seu audaz navegante, de acordo com a metáfora do pai-remador citado por Silviano Santiago (2002), acerca da obra de Guimarães Rosa, é preciso que o leitor navegue na Terceira margem do rio, que não é no texto e nem em seu autor, mas em si mesmo, em seu *entrelugar*.

Há, portanto, uma reorganização do ensino de literatura promovida pela leitura subjetiva enquanto proposta de inserção do leitor, através do qual a subjetividade e a apropriação singular das obras contribuem significativamente para a promoção das experiências de leitura.

Assim, diante da necessidade de repensar as abordagens dadas ao texto na sala de aula, evidenciada por Rouxel (2013), bem como pela constatação do número reduzido de práticas

de leitura voltadas para o trabalho com a literatura oral sergipana, a leitura literária do romance *Donzela Guerreira* pode se configurar enquanto uma prática inovadora nesse cenário, na medida em que propõe a ampliação do cânone escolar, ao incluir narrativas orais como proposta para o ensino de literatura.

Diante dessa necessidade de reconfiguração a ser empreendida pela proposta de leitura subjetiva e pela concepção de leitura literária, Rouxel (2013) sugere que:

No que diz respeito à concepção de leitura literária, essa evolução traduz-se numa mudança de paradigma: marca a passagem de uma concepção de leitura literária fundada sobre uma teoria do texto, que postula o leitor implícito, a uma concepção que se interessa pela reconfiguração do texto pelo leitor real a apresenta modos de realização plurais. Marca por conseguinte o advento dos leitores reais (ROUXEL, 2013, p. 202).

Dessa forma, é possível compreender a “mudança de paradigma” empreendida pela concepção de leitura literária, quando esta desloca o lugar e a importância sempre reservados ao texto para propor justamente uma “reconfiguração do texto pelo leitor real”, nas palavras de Rouxel (2013, p. 202), ou seja, redimensiona o seu valor e evidencia o importante papel desempenhado por esse sujeito para a construção de uma obra, fato que resulta em uma pluralidade de leituras, porque subjetividades, sensações e experiências estéticas diversas o compõem. Acredita-se, assim, em um processo dialógico e não de sobreposição entre autor-texto-leitor, conforme mencionado anteriormente.

Na seção a seguir, serão apresentadas algumas das reflexões e contribuições dadas pela leitura literária para a construção da proposta da leitura literária do romance *Donzela Guerreira* proposta nesta dissertação.

2.2 LEITURA LITERÁRIA

Para começar a compreender a concepção teórica de leitura literária, faz-se necessário compreender algumas análises realizadas por Rouxel (2013), buscando evidenciar quais são as contribuições e novas formas de abordagens dadas ao texto, a partir dessa perspectiva.

No que se refere à leitura literária, as análises realizadas por Rouxel (2013), a partir da observação dos diários de bordo de leitura, produzidos por alunos dos 2º e 3º anos do Ensino Médio, evidenciam que a apropriação singular das obras feitas por alunos pressupõe a seleção

de um *corpus* menos escolarizado como sendo representativo de práticas leitoras ricas e produzidas através dos diários de bordo de leituras ou até diários íntimos.

Antes de tudo, é preciso esclarecer que, apesar da reflexão aqui apresentada fazer referência às turmas do Ensino Médio, verificamos, ao longo da pesquisa, que muitas das observações feitas pela autora, ao analisar o referido material, também podem ser verificadas no Ensino Fundamental II, que é justamente o público-alvo da proposta.

O público a quem a proposta é destinada costuma demonstrar maior interesse por obras que abordem temas atuais ou que tratem de temas comuns, tais como: amor, adolescência, amizade, relações familiares etc. Quanto às condições de recepção da leitura nessa fase escolar, eles têm preferências por materiais visualmente atrativos, principalmente textos multimodais e/ou hipertextos. No que se refere às expectativas dos estudantes dessa fase em relação à oralidade, foi possível perceber que muitos deles ainda tinham uma visão de oralidade ainda muito limitada ao conceito de folclore.

Os diários de bordo dos alunos do Ensino Médio possibilitou a Rouxel (2013) analisar a necessidade de repensar a forma com que a cultura literária é compreendida. Ao contrário de ser entendida como um ideal, uma abstração, a partir de uma concepção clássica, purista que a considera representante da cultura erudita, segundo a autora, a cultura literária se constitui enquanto uma comunidade de leituras, onde há a apreciação de obras selecionadas pelos gostos e desejos pessoais que, embora distantes do cânone escolar, são capazes de promover experiências extremamente ricas e significativas para os seus leitores. Também por isso, o romance *Donzela Guerreira* foi selecionado para compor esta proposta.

Rouxel (2013) constatou, também, que, embora os programas oficiais para o Ensino Médio apresentem a apropriação de uma cultura (implicitamente compreendida como a cultura dos grandes clássicos e/ canônica) como uma das finalidades do ensino francês, a análise dos diários de bordo revelou certa pluralidade na singularidade da cultura literária por compreender a diversidade de textos escolhidos para compor o acervo de leituras pessoais.

Ainda que a cultura literária tenha sido mencionada nessas escritas, há um evidente deslumbramento e destaque para obras descobertas na esfera privada, resultantes de leituras pessoais, íntimas do leitor. Tal constatação promove uma reflexão sobre o fato de que obras consideradas “menores” ou “fora” da cultura literária, como o romance, por exemplo, tenham uma grande importância na vida de uma pessoa.

Dessa forma, respeitadas tais concepções, sem estabelecer níveis de valoração quanto aos clássicos e aos “não clássicos”, é possível retomar um das reflexões apresentadas por Ítalo

Calvino (1993), em *Por que ler os clássicos?*, quando afirma que “Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual” (CALVINO, 1993, p. 10-11). Assim, ao tentar elencar o seguinte elemento para a identificação de um clássico, Ítalo Calvino (1993) evidencia a singularidade que uma experiência estética é capaz de promover, tornando-a inesquecível e singular, através da mimese, compondo a memória de leituras.

Uma das perspectivas que também emergem do projeto de consolidação da proposta da leitura subjetiva, na qual pressupõe a experiência estética e formação do leitor sensível, é a importante reflexão a ser feita pelo professor quanto à escolha das obras.

É inegável a importância e as contribuições das obras clássicas para a formação do leitor, até pela “complexidade estimulante” suscitada pelas obras, citada por Rouxel (2013). Entretanto, a análise dos diários de bordo feita pela autora propõe uma reflexão de que a leitura dos textos considerados “fora do cânone”, ao contrário do que se pensa, não estão isentos de suscitar leituras marcadas pela experiência estética e extremamente significativas para o sujeito leitor. Mais uma vez, optar pela escolha do romance *Donzela Guerreira* é uma forma de acreditar na sua riqueza e potencial enquanto proposta de leitura literária, capaz de promover experiências significativas com a leitura.

Assim, diante da complexidade e do dilema promovido pelo questionamento “Qual literatura ensinar?”, o possível caminho que parece ser mais viável e democrático é o de “propor o diverso na literatura”, conforme afirma Rouxel (2014), em *Ensino da literatura: experiência estética e formação do leitor*.

Portanto, segundo a autora, as pesquisas realizadas sobre a didática da literatura indicam dois possíveis caminhos diferentes: o da “expatriação das obras complexas”, ou seja, a leitura de obras literárias canônicas, os clássicos, mas também abre a oportunidade de considerar significativa a leitura de obras diversas e pessoais do leitor: obras da literatura popular, infanto-juvenis, histórias em quadrinhos, *best-sellers*, cinema, jogos, hipertextos etc.

Nesse sentido, ao apresentar uma prática de leitura literária de um texto “fora do cânone”, com o romance *Donzela Guerreira*, a presente proposta consegue trazer outra maneira de ler os textos, construída a partir de um gênero da literatura oral sergipana – o romance –, pertencente ao imaginário coletivo, representante da tradição oral. Essa é a perspectiva que concretiza e modula a produção do Caderno de Leitura do(a) aluno(a) *Donzela Guerreira: em busca da tradição oral sergipana*.

Dessa forma, há um desejo que perpassa toda a proposta que é o de evidenciar a riqueza e o potencial do texto oral, ressaltando-o como obra capaz de suscitar experiências de leitura extremamente significativas, portanto, pode e deve ser considerado uma fonte de experiência estética.

Na seção seguinte, serão abordadas algumas das reflexões desenvolvidas pela teoria da recepção e que foram inseridas na construção da proposta da leitura literária do romance *Donzela Guerreira*.

2.3 RECEPÇÃO

Como promover experiências de leitura significativas? Como tornar a leitura prazerosa? Foi tentando responder a essas perguntas que a presente seção foi produzida. A teoria da recepção apresenta algumas respostas a essas questões; à primeira, quando propõe a valorização da experiência estética, retoma a importância do prazer que uma obra pode suscitar, à segunda, quando propõe conhecer e ampliar o horizonte de expectativas do(a) aluno(a).

Hans Robert Jauss (1979), em *O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis*, apresenta um panorama histórico acerca das teorias que deram forma e contribuíram para a construção do conceito de prazer estético, tal como é abordado pelas teorias literárias.

Uma das principais premissas evidenciadas por Jauss (1979) trata do fato de que “o prazer estético é hoje, ou até há pouco, em geral desprezado como um privilégio da investida ‘burguesia culta’” (JAUSS, 1979, p 85). Tal afirmação é bastante esclarecedora e fundamental enquanto ponto de partida para a reflexão sobre as questões que permeiam o prazer estético, visto que é representativa do quanto esse conceito sempre esteve ligado a um privilégio de “poucos”, sobretudo no que se refere ao caráter burguês.

Em seguida, Jauss (1979) reconstitui os múltiplos e diversos significados que o conceito de prazer estético assumiu, dentre eles: “participação e apropriação”, “prazer e participação”, concepção aristotélica ligada cognoscitivo (*aisthesis*), reconhecimento perceptivo (*anamnesis*), identificação, descarga prazerosa (*katharsis*), “mecanismo de efeito direto”, prazer dos olhos” ou “autodeleite”, “prazer da autêntica beleza”, “desencadeamento do maior prazer, a partir de fontes psíquicas profundas” (a partir de uma leitura freudiana) etc.

Embora Jauss (1979) reconheça que o prazer tenha perdido muito do seu sentido de elevação e superioridade, o referido autor também atenta para um fato que, até hoje, paira sobre os estudos acerca da recepção: a problemática da idealização do prazer estético, quando apresenta a seguinte afirmação “Hoje, para muitos, a experiência estética só é vista como genuína quando se priva de todo prazer e se eleva ao nível da reflexão estética” (JAUSS, 1979, p. 92). Essa afirmação acerca do prazer estético ainda é bastante atual, recorrente e se encontra bastante difundida e cristalizada no imaginário de alguns, sobretudo ao se considerar as práticas de ensino de literatura, nas quais as múltiplas e diversas singularidades do efeito da leitura das obras podem empreender no sujeito leitor, muitas vezes, são desconsideradas e desprezadas.

Uma outra constatação que também corrobora com as questões contemporâneas acerca do prazer estético é pensá-lo enquanto forma de empoderamento. Tal constatação pode ser observada através da seguinte afirmação:

Em suma, o prazer da arte não passa de uma reação burguesa à espiritualização da arte, sendo desta forma o pressuposto para a indústria cultural da atualidade, que, no circuito fechado das necessidades dirigidas e do ersatz estético, serve aos interesses camuflados do poder (JAUSS, 1979, p. 92).

Ao restringir a experiência estética atrelada ao processo de auratização da obra literária e ao esclarecer as relações de poder que circulam o entorno do prazer estético, através da afirmação de Jauss (1979), é possível fazer uma relação com as práticas de ensino de literatura atuais, tendo em vista ainda permanecer uma visão que pressupõe o distanciamento do sujeito leitor, a anulação e a marginalização das múltiplas e diversas subjetividades que a leitura pode suscitar.

Assim, mais especificamente a poesia, mas a literatura em si, por longos anos, e ainda hoje, é considerada arte inalcançável, intransponível. Tais aspectos que contribuíram para a consolidação da “quase perpetuação” da objetividade e supervalorização do formalismo da obra literária acabaram por compor uma abordagem do ensino de literatura ascendente, excludente, hermética, ou seja, a arte por ela mesma. Algumas dessas preocupações podem ser observadas na pintura e na poesia vanguardistas pós-guerra, nas quais destaca-se o “sublime abstrato”.

Jauss (1979) retoma o prazer estético conceituado por Roland Barthes quando este pressupõe um aspecto que nega a relação dialógica estabelecida entre o leitor e o texto e

“exclui a macroestrutura da situação da leitura comunicativa”. Há, então, o destaque para a figura do leitor:

Assim o processo de leitura se reduz à percepção de microestruturas; ao leitor passa a caber apenas um papel passivo tão-só de recepção e desaparece, como fonte de prazer, sua atividade imaginante experimentadora e doadora de significação [...].

O texto que escreves deve-te dar prova que me deseja. Esta prova existe: é a escritura (JAUSS, 1979, p. 95).

A análise da perspectiva de Roland Barthes feita por Jauss (1979) traduz parte da predominância de uma perspectiva da supremacia do texto, em detrimento do leitor. A este cabe o papel de decifrar os signos, assim como detetive. O leitor deveria seguir as pistas do texto. A estética, portanto, é vista tão somente enquanto receptáculo para identificação dos sentidos dos textos, porém, não é compreendida enquanto uma experiência estética singular, prazerosa, autônoma, emancipadora, conforme a leitura subjetiva é compreendida.

Dessa forma, é possível perceber que, ao longo de muitos anos de tradição literária e de práticas de ensino de literatura, ainda hoje prevalece uma perspectiva do texto. Conforme reflexões de Vilson Leffa (1996), essa é uma abordagem ascendente de leitura, na qual “O aspecto mais importante é a obtenção do conteúdo que subjaz ao texto, o conteúdo não está no leitor, nem na comunidade, mas no próprio texto, através de um processo de extração. A leitura é vista fluindo do texto para o leitor” (LEFFA, 1996, p. 18-19).

Tal abordagem contrapõe-se ao que hoje se constitui enquanto leitura subjetiva, na qual o prazer estético compõe o leitor, garantindo-lhe o direito de experienciar a singularidade de uma obra literária suscitada pela leitura.

Uma outra concepção abordada por Jauss (1979) trata da conceituação de prazer estético enquanto “prazer de si no prazer do outro”, bem menos dicotômica e paradigmática do propõe Barthes. Dessa forma, Jauss (1979) pressupõe uma proposta de prazer estético mais condizente com um processo mais dialógico:

O prazer estético que, desta forma, se realiza na oscilação entre a contemplação desinteressada e a participação experimentadora, é um modo de experiência de si mesmo na capacidade de ser do outro, capacidade a nós aberta pelo comportamento estético (JAUSS, 1979, p. 98).

Assim, é possível compreender o prazer estético enquanto processo dialógico. Desse modo, “o prazer estético da identificação possibilita participarmos de experiências alheias,

coisa de que, em nossa realidade cotidiana, não nos julgaríamos capazes” (JAUSS, 1979, p. 99). Sendo o romance *Donzela Guerreira* um texto pertencente à literatura oral popular, gênero da cultura sergipana, a sua prática de leitura é capaz de promover aproximação e “identificação” com o seu leitor, portanto, favorece a valorização do prazer estético, conforme mencionado por Jauss (1979).

A ressalva feita por Jauss (1979) concorda com a concepção da leitura subjetiva, haja vista mencionar as possíveis relações que cada uma das camadas básicas da experiência estética pode estabelecer entre elas, sobretudo no que se refere à *aisthesis*, quando apresenta a seguinte afirmação:

A experiência *aisthesis* pode, por fim, se incluir no processo de uma formação estética da identidade, quando o leitor faz da sua atividade estética ser acompanhada pela reflexão sobre seu próprio devir: A importância do texto não advém da autoridade de seu autor, não importa como ela se legitime, mas sim da confrontação com a nossa biografia. O autor somos nós, pois cada um é o autor de sua biografia (JAUSS, 1979, p. 103).

Dessa forma, ao considerar a experiência *aisthesis* enquanto constitutiva do processo de formação de identidade estética, Jauss (1979) inclui o leitor na construção de uma obra artística, revelando-lhe um papel ativo promovido por suas reflexões, memórias, subjetividades, sensações, ressonâncias suscitadas pela leitura de uma obra.

Além disso, o autor retoma alguns dos elementos constitutivos da literatura, como a capacidade que o texto literário possui em dizer muito mais de nós, do que nós mesmos, ou seja, o fato de o leitor conhecer-se através do olhar do outro. Assim, o processo dialógico de experienciar o “prazer de si no prazer do outro” (JAUSS, 1979), através do qual o prazer estético é compreendido, acaba sendo expandido e ressignificado quando há uma proposta de leitura de um texto pertencente a uma comunidade cultural, como o romance, o fato também justifica a escolha da obra. Nesse sentido, o texto oral é capaz de suscitar o prazer estético, quando a tradição oral sergipana evoca o sujeito leitor a conhecer-se através do outro.

Antoine Compagnon (2001), em *O demônio da teoria*, reafirma a importância do leitor enquanto o sujeito ativo da literatura:

A subjetividade moderna desenvolveu-se com a ajuda da experiência literária, e o leitor é o modelo de homem livre. Atravessando o outro, ele atinge o universal: na experiência do leitor, “a barreira do eu individual, na qual ele era um homem como os outros, ruiu (Proust), “eu é um outro” (Rimbaud), ou “sou agora impessoal” (COMPAGNON, 2001, p. 36).

Assim, é possível retomar algumas das concepções que corroboram com a proposta de leitura subjetiva, na medida em que essa realiza uma reconfiguração nas práticas de ensino de literatura, ao compreender o sujeito enquanto uma instância literária, a partir das suas múltiplas e diversas subjetividades que compõem a experiência estética singular, suscitada pela leitura de uma obra.

É preciso compreender que a proposta de leitura literária pressupõe, sobretudo, que a experiência estética seja experienciada pelo leitor, ou seja, há a necessidade de construção de um leitor subjetivo, capaz de agregar novos sentidos à leitura.

Um dos principais fatores a ser considerado referente à estética da recepção é, justamente, a possibilidade de conhecer e aumentar o horizonte de expectativa do leitor, ou seja, faz-se necessário ampliar a memória literária, aumentar seu repertório literário de relacionar os textos.

Dentre as práticas que possibilitaram o aumento do horizonte de expectativa dos leitores do Ensino Fundamental II, merecem destaque algumas etapas da pesquisa: a própria seleção do texto – o romance *Donzela Guerreira* –, tendo em vista à escassez de propostas que oportunizam o trabalho com a literatura oral sergipana no que se refere ao ensino de literatura; a possibilidade de conhecer os gostos, preferências e sugestões de leituras elencadas pelos estudantes, a partir da realização de atividade diagnóstica; a realização das oficinas de leitura literária do romance e, por fim, a produção do Caderno do(a) aluno(a) *Donzela Guerreira: em busca da tradição oral sergipana*.

A base da proposta da leitura literária subjetiva está centrada no advento de si e na formação estética. É um momento privilegiado na formação do leitor, de acordo com a sua intensidade; ela marca duravelmente a história do leitor, a sua memória, os seus valores, a sua personalidade, como afirma Rouxel (2014).

Portanto, a proposta de leitura literária do romance, presente nesta dissertação, pressupõe uma abordagem dos textos que compartilha de algumas reflexões da teoria da recepção, na medida em que reconhece que é preciso incitar os leitores reais a ousarem ler a partir de si, reagir e aumentar seu repertório de leituras, através da possibilidade do diálogo entre os textos. No entanto, diante do número reduzido de propostas que contemplam a literatura oral popular, no que se refere às práticas de leitura no contexto escolar, foram algumas as dificuldades enfrentadas ao longo da pesquisa para encontrar material sobre o gênero. Foi preciso enveredar por mais algumas trilhas e buscar referências que pudessem levar até o romance.

3 EM BUSCA DO ROMANCE

3.1 EM BUSCA DO ROMANCE

A construção da proposta de leitura literária do romance *Donzela Guerreira* possibilitou-me retomar a minha paixão pela literatura popular e visitar os estudos realizados sobre o romance, agora, enquanto professora e pesquisadora. Fez-se necessário favorecer o encontro da turma com o gênero, a fim de que pudesse conhecê-lo. É preciso, no entanto, fazer um esclarecimento quanto ao uso do gênero *romance* que será adotado para a realização da presente pesquisa. O *romance*, no contexto desta dissertação, corresponde a narrativas orais cantadas em versos e estão presentes há muitos séculos na cultura ocidental, pertencente à literatura oral popular. Não deve ser confundido, portanto, com o gênero *romance* feito em prosa, sobretudo a partir do século XIX.

Dentre as pesquisas realizadas sobre o romance, apresentamos os estudos realizados por Luís da Câmara Cascudo (1984), em seu livro *Vaqueiros e Cantadores*, nos quais se reconhece a poesia sertaneja enquanto alguns dos desdobramentos dos *romances*, situando-os no contexto da tradição cultural:

A poesia tradicional tem nos romances um dos mais altos elementos. Recebidos em Portugal em prosa ou verso todos foram vertidos para as sextilhas habituais e cantados nas feiras, nos pátios, nas latadas das fazendas, “esperando a Missa do Galo”, na hora das fogueiras de São João, nas festas paroquiais, nas bodas de outora. Esses romances trouxeram figuras clássicas do tradicionalismo medieval. Cavaleiros andantes, paladinos cristãos, virgens fiéis, esposas heróicas, ensinaram as perpétuas lições da palavra cumprida, a unção do testemunho, a valia da coragem, o desprezo pela morte, a santidade dos lares (CASCUDO, 1984, p. 28).

O folclorista Câmara Cascudo (1984) considera a importância dos *romances* enquanto uma herança portuguesa. Quanto à estrutura, evidencia que a sextilha é a forma com que passou a ser produzido no Brasil, na medida em que também apresenta algumas imagens de contextos sociais e familiares, nas quais o gênero era produzido, bem como também revela a permanência das figuras, tipos e imagens medievais. Dessa forma, é possível elencar algumas informações acerca do gênero romance que serão mais aprofundadas ao longo da discussão: há possíveis “origens”, os temas e personagens representados nos romances são mais antigos

do que alguns acreditam, há indícios de que os romances podem ter começado a ser produzidos desde o período medieval, provavelmente.

Um dos estudos que contribuíram para a construção da proposta de leitura literária do romance é feito por Alvanita Santos em sua tese de 2005, *Canto das mulheres– entre bailar e trabalhar: relações de gênero em narrativas orais (romances)*. Nele, a autora apresenta uma análise feminista dos romances, a partir de um recorte das relações de gênero (retomado ao longo da realização da construção da presente proposta), e também traça uma espécie de panorama histórico do romance, utilizado como referencial teórico de grande importância para esta pesquisa.

Santos (2005), então, reconhece que não há como precisar com exatidão a “origem” dos romances, no entanto, é possível afirmar que essas narrativas:

Remontam, provavelmente, a Idade Média – se considerarmos os ambientes que neles são apresentados, como palácios, nos quais estão princesas a serem raptadas, donzelas levadas como escravas, por mouros, reis e rainhas que habitam castelos semelhantes aos dos contos maravilhosos. Podem ainda ter início em tempos anteriores, e os temas foram atualizados no período da Idade Média, porque esses temas – traição, amores impossíveis, incesto, relações familiares – fazem parte da história da humanidade desde os primeiros textos produzidos (SANTOS, 2005, p. 55).

Dessa forma, é possível reconhecer um pouco dos caminhos que compõem a trajetória do romance por compreender que esses textos são procedentes, provavelmente, do período medieval, bem como os temas neles apresentados possuem relação com esse período, por retratar os ambientes, personagens e conflitos que pertencem a esse imaginário.

Embora não se possa precisar de maneira exata a “origem” dos romances, há alguns indícios da proveniência dos textos brasileiros, pois, segundo Alvanita Santos:

Há um parentesco muito próximo entre os textos brasileiros e aqueles da Península Ibérica. Mas, apesar das referências primeiras indicarem a Península como fonte, pude perceber que também há uma íntima relação entre o material de Portugal e Espanha com os materiais recolhidos na França (SANTOS, 2005, p. 96-99).

Dessa forma, apesar de os textos brasileiros terem um parentesco com os textos da Península Ibérica, a autora reconhece que os romances podem ter referências aos textos encontrados não só em Portugal e Espanha, mas também em produções da França. Dessa forma, fica evidente a dificuldade em definir a origem de um texto oral.

Quanto à falta de registros e pesquisas sobre os *romances*, a autora menciona que as ideias iluministas, que propunham uma categorização e relações de poder entre os textos, podem ter contribuído para essa lacuna quando afirma:

Entendo que o que ocorreu, provavelmente, foi uma ausência de interesse pelo registro e compilação desses romances, porque no período que se estende do século XVII ao início século XIX, pelo desenvolvimento dos ideais racionalistas iluministas que passaram a definir “alta” e “baixa” cultura, não houve vontade de considerar tais textos. No entanto, o povo continuava cantando-os, nos ambientes mais íntimos ou nos grupos de trabalho (SANTOS, 2005, p. 56).

Santos (2005) cita, portanto, o período entre os séculos XVII e XIX como marco de efervescência das ideias iluministas, que propunham a definição e/ou categorização dos textos. Talvez, por conta de todo esse contexto, não se tenha tido o interesse de estudar os romances, sobretudo pelo fato de que os textos orais e populares, a partir da visão iluminista, seriam considerados textos “menores”, “não-literários”.

Assim, é possível constatar a forma com que algumas concepções e ideias podem ser responsáveis para a construção de hierarquização e legitimação de algumas obras, em detrimento de outras, fato que pode ser comprovado também diante da constatação do número reduzido de práticas de leituras que contemplam a literatura oral sergipana. Dessa forma, a referida autora afirma que, independente do desinteresse dos estudiosos acerca do romance, ainda assim, esses textos orais continuaram sendo produzidos nos ambientes de trabalho.

Após conhecer um pouco sobre algumas definições do romance, seu panorama histórico, de situá-las historicamente e conhecer algumas das categorizações e relações de poder que perpassam esse texto, é possível embasar a crença de que, até hoje, há certa resistência e um número reduzido de propostas pedagógicas que valorizem a literatura oral e popular, principalmente, no contexto escolar.

As pesquisas realizadas por Alvanita Santos (2005; 2019) serão retomadas para compor a proposta da prática de leitura do romance, principalmente no recorte a partir das relações de gênero. Na seção a seguir, serão apresentadas algumas pesquisas e estudos sobre a produção do romance em Sergipe.

3.2 O ROMANCE NO CONTEXTO DE SERGIPE

As pesquisas realizadas sobre os *romances* no estado de Sergipe foram empreendidas através de uma perspectiva de estudos feitos por folcloristas, tais como Sílvio Romero (2009) e Jackson de Lima (1977), e através de uma abordagem acadêmica, como as pesquisas de Antônio Marcos dos Santos Trindade (2015; 2016).

Embora o romance sergipano não tenha sido coletado e recolhido especificamente por Sílvio Romero (2009), é possível reconhecer a importância dos estudos empreendidos por ele quanto às reflexões acerca da literatura popular. Sergipano, de Lagarto, dentre as suas muitas atuações enquanto professor, jornalista e folclorista, Romero também é considerado um dos grandes representantes da *Escola de Recife*.

Destaca-se a sua obra *Folclore brasileiro: contos populares do Brasil* porque, ainda na introdução, Romero, ao analisar as contribuições dadas pela cultura europeia à nossa cultura, mais especificamente na poesia, menciona os *romances* (narrativas orais em versos) como exemplo de poesia popular, a nós pertencentes. Acerca dos *romances*, Romero apresenta afirma:

Pertencem-lhe, entre nós, todos os romances cavalheirescos, como; - D. Infanta, Noiva roubada, Bernal Francês, D. Duarte e Donzilha, D. Maria e D. Arico, e outros que se encontram em nossos Cantos Populares do Brasil, e que têm seus correspondentes nas coleções europeias. São ainda obra sua a maior parte das canções soltas em quadrinhas, que em Sergipe têm o significado de versos gerais (ROMERO, 2009, p. 13-14).

No que se refere ao trabalho de recolha, edição e catalogação do romanceiro sergipano, o folclorista Jackson da Silva Lima pode ser considerado um dos seus precursores. Sergipano, nascido no município de Aquidabã, foi civilmente registrado no município de Aracaju-SE, e era filho de lavradores. Lima foi coletor, editor e folclorista, ligado ao “[...] Instituto Nacional do Folclore (INF), presidente da Comissão Sergipana de Folclore, em 1976-1977 e ganhou o prêmio Sílvio Romero, em 1972” (LIMA, 1977, p. 9-10).

Múltiplas e diversas foram as contribuições do folclorista Jackson da Silva Lima para o estudo dos romances em Sergipe. O referido autor publicou, em 1977, parte do resultado das suas pesquisas sobre a cultura popular sergipana em sua obra intitulada *O folclore em Sergipe*.

Lima (1977) afirma que a recolha dos romances e xácaras, quase que em sua totalidade, foi realizada em bairros pobres da cidade de Aracaju. Um outro fato decorrente da recolha dos romances é o de que “[...] praticamente nenhuma das informantes e/ou romanceiras mencionaram o conceito de romance para se referir a eles. A grande maioria os

conheciam enquanto estórias cantadas ou estórias de trancoso cantadas” (LIMA, 1977, p. 22-24). Tal informação será confirmada posteriormente, após a realização da atividade diagnóstica com os alunos e alunas da turma, onde o trabalho foi realizado.

Quanto à motivação e justificativa para a publicação da sua obra, Lima (1977) afirma que:

No propósito sentimental de retornar a iniciativa de Sílvia Romero que, nos primeiros ensaios etnográficos e folclóricos, se dispusera a coligir e publicar os Cantos e Contos Populares de Sergipe realizamos intensiva pesquisa do romanceiro em nossa terra, dentro das limitações naturais da província e da minguada aptidão científica do autor. Dia a dia, fortaleceu-se em nós esse propósito, sobretudo quando ecoavam em nossos ouvidos insistentes apelos de Sílvia Romero e, posteriormente, de Câmara Cascudo, no sentido de que se tentasse salvar, os mais cedo possível, as melodias dos romances e xácaras tradicionais, ainda hoje tão parcamente registradas (LIMA, 1977, p. 21).

Dessa forma, Lima (1977) reconhece o valor afetivo da sua iniciativa como uma forma de dar continuidade aos trabalhos de Sílvia Romero, menciona as dificuldades enfrentadas para a realização da pesquisa, bem como também revela compartilhar do já referido posicionamento “salvacionista” em relação à literatura popular, quando afirma que atendeu aos apelos de Sílvia Romero e Câmara Cascudo, no que se refere à necessidade de “salvar” as melodias de romances xácaras que, desde àquela época, eram pouco registrados.

Segundo Lima (1977), ao pesquisar muitas canções e modinhas do romanceiro sergipano, é possível afirmar que muitas dessas produções são consideradas pertencentes ao romanceiro e outras ao cancionero, conforme a seguinte afirmação:

Um sem número de canções e modinhas integrado na memória coletiva, aproxima-se por vezes do romanceiro tradicional, verificando-se, em alguns casos, serem apenas “transição natural do romance lírico [...]. Não é de se estranhar esse fenômeno, porquanto muitos dos romances tradicionais também perdem a sua condição de narrativa épica e se transformam em fragmentos líricos, como se fossem modinhas e canções (LIMA, 1977, p. 24).

Dessa forma, assim como João David Pinto Correia, Lima (1977) também define os romances enquanto fragmentos de textos, dessa vez, líricos. Trata-se de uma definição questionável, já que a expressão fragmento costuma referir-se a um texto incompleto, o que reforça a ideia equivocada de que os romances seriam textos nos quais faltaria algo.

Quanto a essa definição, concordamos com o posicionamento de Alvanita Santos (2019, p. 20), quando afirma que “Busquei argumentar em favor de que os romances que escolhi para trabalhar não eram fragmentos, eram textos completos e complexos, no âmbito da oralidade”.

Dentre os estudos sobre a literatura oral, destacamos também o trabalho de Trindade (2015), que valoriza os estudos orais da cultura sergipana, reforçando a importância do papel das mulheres narradoras que:

Desempenham o papel de suportes ativos da tradição oral luso-brasileira, guardando memorialmente, a despeito de sua condição sociocultural muitas vezes desfavorável a suas práticas culturais, um *arquivo romancístico* de grande valor cultural (TRINDADE, 2015, p. 55, grifo do autor).

Dessa forma, Trindade (2015) evidencia o importante papel das mulheres enquanto produtoras desses textos e que, apesar das muitas condições desfavoráveis, atuam ativamente no processo de criação e recriação dos romances. Dessa forma, é possível compreender a relação que há entre os romances e as mulheres, ou seja, o romance é uma produção pertencente ao universo feminino.

Na seção seguinte, são apresentadas algumas análises sobre o romance *Donzela Guerreira*, buscando compreender as tradições orais e relações de gênero nelas presentes. Além disso, também são apresentadas as especificidades da literatura oral.

4 POR UMA POÉTICA DA ORALIDADE

4.1 TRADIÇÕES ORAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS E NECESSÁRIOS

Pensamos por exemplo, no caso do romance ibérico. Foram as mulheres que, na vida privada, conservaram e recriavam o romance durante séculos, mas foram certos homens que, cantando-os como artistas/ poetas na vida pública, impuseram a convicção de que se trata de um gênero predominantemente masculino, ao menos nas suas formas artísticas (LEMAIRE, 1990, p. 19).

Embora a proposta apresente alguns conceitos teóricos que permeiam o debate sobre a literatura oral, é preciso esclarecer que a versão do romance utilizada nesta seção é a escrita, pois, infelizmente, a frustrante falta desse material impossibilitou a realização do trabalho com o gênero oral. Porém, sempre se buscou considerar os elementos da oralidade que continuam presentes no texto, apesar da adaptação para a escrita. Dessa forma, visualizar a permanência de tais elementos é uma forma de valorização da oralidade.

Ao analisar o romance *Donzela Guerreira*, na versão *Dão Varão*, foi possível observar o grande legado deixado pelas tradições orais e o quanto o gênero tem a contribuir para a cultura sergipana e para a formação dos sujeitos. Tal posicionamento, adotado nesta dissertação visa, além de outros objetivos, a recompor a importância das tradições orais produzidas pelas mulheres.

Ao selecionar a temática da *Donzela Guerreira*, especificamente na versão *Dão Varão*, narrada por Dona Maria dos Anjos, Malhador-SE, recolhida por Jackson da Silva Lima, em 1977, a presente proposta de leitura literária traz à tona algumas considerações teóricas de extrema importância para o contexto deste estudo.

O romance *Donzela Guerreira* abre-nos um leque de leituras, na medida em que nos conta a história de um pai que teve sete filhas e nenhum filho varão, mas que, mesmo sem condições físicas de lutar, foi convocado para ir à guerra. Entretanto, diante desse impasse, uma das filhas decide disfarçar-se de homem e ir no lugar do seu pai. Para não ser reconhecida pelos demais, mas, principalmente pelo filho do general, seu admirador, a Donzela Guerreira utiliza algumas estratégias para não ser descoberta. A narrativa tem como desfecho o casamento entre a jovem e o filho do general. A coragem, a bravura da Donzela Guerreira, mas, sobretudo, o rompimento com os padrões sociais, contribuem para a construção de uma personagem que vem encantando seus leitores por muitos séculos.

É provável que o próprio título do romance *Dão Varão* remonte, possivelmente, a uma variação de uma versão citada por Alvanita Santos (2005), encontrada na Bahia, intitulada *Dom Varão*. O romance *Dão Varão* pode ser uma versão do referido romance, sobretudo, ao considerarmos as diversas versões e as inúmeras adaptações que o gênero oral pode apresentar.

Além disso, a utilização de um título masculino em uma narrativa que tem como personagem principal uma mulher pode ser compreendido como uma estratégia encontrada pelas mulheres para possibilitar a circulação dessas narrativas nos mais diversos ambientes diante de uma sociedade patriarcal e machista.

Uma outra hipótese que justificaria o título masculino para o romance seria o de considerar esse recurso como uma das estratégias utilizadas pelos homens como forma de apropriação dos textos das tradições orais produzidas pelas mulheres, sobretudo durante a passagem de transição das tradições orais para a cultura escrita, conforme as considerações apresentadas por Ria Lemaire (1990), em *As cantigas que a gente canta, os amores que a gente quer: o papel da mulher na passagem da tradição oral à escrita*.

Ao considerarmos as personagens e o tema abordado em outros romances, tais como *A Bela Infanta* e *Delgadinha*, é possível afirmar que o romance *Donzela Guerreira* provoca o rompimento com alguns padrões sociais, especialmente diante de uma personagem feminina que assume um papel ativo no que se refere às atribuições que costumavam ser negadas às mulheres, como a de lutar em uma guerra.

Dessa forma, a escolha do gênero da tradição oral popular, o contexto de produção, a representação feminina e os temas abordados corroboram com algumas concepções teóricas evidenciadas por Ria Lemaire (1990), pois o romance, assim como as cantigas analisadas pela referida autora, é capaz de revelar as diversas formas de apropriação das tradições orais das mulheres pela cultura escrita, da qual os homens detinham o monopólio.

Assim, dentre as diversas questões levantadas por Ria Lemaire (1990), uma refere-se à divisão do trabalho entre os sexos. A autora analisa algumas cenas retratadas nas cantigas de amor que revelam parte dessa divisão. Assim como as cantigas, o trecho do romance destacado a seguir, também revela parte da distinção que havia entre os ambientes e os espaços reservados às mulheres e aos homens na sociedade, fato observado nos versos cantados que representam o diálogo entre o pai e a filha:

-De sete filhas que tive,
Não tive um filho varão,

Agora depois de velho
Em guerra me acabarão.

-Não chore, papai, não chore,
Que eu sou teu filho varão...

-Tem o cabelo muito grande
Sua voz conhecerão:
-Dou garra de uma tesoura
Meu cabelo cai no chão.
(LIMA, 1977, p. 54-57)

No trecho, é possível verificar que a divisão do trabalho está bem mais relacionada com os espaços ocupados pelo pai e a filha, bem como os papéis sociais desempenhados por cada um dos sexos, ou seja: aos homens (o pai) é permitido o acesso a uma vida pública, uma maior liberdade, como a de sair para combater em uma guerra, por exemplo; enquanto que às mulheres (a filha) estavam relegadas à esfera privada, familiar, doméstica.

Uma das questões que chamam a atenção no trecho destacado é a de que a fala do pai “- De sete filhas que tive/ Não tive um filho varão” (LIMA, 1977, p. 54) pode ser compreendida como uma forma de lamentação por não ter tido um filho homem, fato que revela o quanto havia na sociedade uma supervalorização e predominância do masculino. Os versos destacados do romance narrado por Dona Maria dos Anjos denunciam o machismo estrutural com o qual a sociedade estava organizada. Os versos seguintes, “Agora depois de velho/ em guerra me acabarão”, apresentam-se como um prenúncio do destino desse pai: a morte.

Ao contrário do tom de lamentação do pai que revela o machismo cristalizado na sociedade, o trecho destacado do diálogo da filha apresenta um tom apaziguador, busca acalmar, consolar o lamento do pai e, ao mesmo tempo em que afirma ser o filho varão, requisita esse espaço de atuação: “ Não chore, papai, não chore/ Que eu sou teu filho varão”.

A fala da personagem da *Donzela Guerreira* vai mais além, pois revela o tom decidido, firme, objetivo com que ela encara sua decisão de ir à guerra no lugar de seu pai. Há na sua decisão, portanto, uma ruptura com os padrões estabelecidos, uma inversão dos papéis sociais que costumavam ser atribuídos a homens e mulheres. Ao afirmar ser o filho varão, a *Donzela Guerreira* também afirma que uma mulher pode e deve ocupar diferentes espaços na sociedade, assumir diferentes funções, inclusive aquelas consideradas masculinas, como a de lutar em uma guerra, por exemplo.

O trecho destacado torna-se ainda mais interessante pelo fato de que, ao analisarmos as falas dos dois personagens, confirmamos a desestabilização dos papéis sociais que costumavam ser atribuídos às mulheres e aos homens, sobretudo, diante do fato de que nesse trecho o pai chora e a filha mantém a firmeza da sua decisão, o que rompe com alguns estereótipos que costuma considerar a mulher sensível/emocional *versus* o homem insensível, racional.

Assim, o romance *Donzela Guerreira* faz uma provocação aos padrões sociais e promove um questionamento das categorias que distinguem o universo feminino e o masculino, enquanto reconstrói o papel ativo das mulheres para a sociedade. Dessa maneira, é preciso considerar a produção dos romances como uma forma de resistência e apropriação do lugar de fala da mulher frente à exclusão do feminino e aos discursos de dominação masculina que sempre marcaram a historiografia literária. Acerca desse importante papel das mulheres na produção das poéticas orais, Alvanita Santos (2019) afirma que “As poéticas orais em verso e prosa são exemplo de criações de mulheres, que falam do lugar da autoridade de quem esteve exposta às relações de dominação e de subalternização” (SANTOS, 2019, p. 24). Assim, a produção de poéticas orais constitui-se enquanto uma forma de empoderamento das mulheres.

As produções literárias e as poéticas orais se constituem, portanto, enquanto espaços nos quais essas relações de poder são tensionadas. Como bem afirma Alvanita Santos (2019, p. 24), “As poéticas orais em verso e prosa são exemplos de criações de mulheres, que falam do lugar da autoridade de quem esteve exposta às relações de dominação e de subalternização”. Assim, ao produzir os romances, as mulheres marcam seu protagonismo nessas produções.

Diante das inúmeras leituras que o romance *Donzela Guerreira* pode empreender aos seus leitores, sobretudo sobre as relações de gênero a serem observadas em sua poética oral feminina, incluir esse texto oral no ensino de literatura auxilia na construção de uma visão crítica da literatura tradicional proposta por Ria Lemaire (1990), quando a autora evidencia a difícil tarefa das mulheres na desconstrução de uma historiografia baseada em um monopólio masculino. Assim, a leitura da *Donzela Guerreira* contempla uma das três etapas mencionadas por Ria Lemaire (1990), a saber:

Fornecerá elementos para mostrar quais foram os interesses políticos e sociais, as lutas pelo poder dos que compuseram essas canções, dos que imitaram, dos que incluíram no cânon (LEMAIRE, 1990, p. 33).

O romance *Donzela Guerreira* rompe com alguns padrões sociais e traz uma personagem que representa a bravura, a coragem e o papel ativo das mulheres. No entanto, é preciso compreender que, mesmo diante da proposta de se tornar um filho varão, a personagem encontra dificuldades e resistência para convencer o seu pai, não por falta de qualidades e virtudes enquanto guerreira, mas por apresentar algumas “características” que, de acordo com certos padrões sociais, estariam (de forma bastante equivocada e questionável) relacionadas ao sexo feminino, conforme mencionado nos seguintes versos: “-Tem o cabelo muito grande/ Sua voz conhecerão” (LIMA, 1977, p. 57).

Além do comprimento dos cabelos, são mencionados outros elementos que atestariam o reconhecimento da personagem, tais como: os olhos agateados, ombros e os seios muito altos. Então, é possível compreender os critérios que seriam considerados para “definir” e/ou “distinguir” o gênero feminino para a sociedade da época. Além disso, nessa versão, a voz é o elemento que ganha destaque por ser recorrente em boa parte das estrofes e por ser compreendido como traço “inconfundível” do sexo feminino.

Entretanto, ainda assim, a personagem mostra-se disposta a enfrentar tais dificuldades ao revelar que “-Dou garra de uma tesoura/ Meu cabelo cai no chão” (LIMA, 1977, p. 54-57). Ao longo de todo o romance, a personagem mantém a sua decisão de tornar-se uma guerreira e utiliza várias estratégias para não ser reconhecida, mesmo diante dos “obstáculos” mencionados pelo pai. Não bastava, portanto, apenas se disfarçar e usar roupas masculinas.

Ademais, muito embora alguns estudos indiquem a existência de uma espécie de sacrifício da “feminilidade” encontradas nesses trechos, é possível compreendê-los também como uma metáfora para os desafios enfrentados pelas mulheres na luta por seus direitos na sociedade.

Os outros trechos destacados da narrativa caracterizam-se pelo diálogo entre o filho do general com sua mãe, a respeito das estratégias a serem utilizadas para descobrir se Dão Varão seria homem ou mulher.

Dentre as diversas estratégias sugeridas pela mãe para garantir tal descoberta, merecem destaque duas delas: o convite para o jardim e para o banho.

(Convite ao jardim)

_ Chamais, filho, chamais,
Chama ele para o jardim:
Se ele fora homem

No cravo pegará,
Se ele for mulher
Numa rosa pegará.

_ Mas que rosa tão bonita,
Tão bom de uma dama eu dar;
_ Que cravo tão bonito
Pra um moço de bem botar.
(LIMA, 1977, p. 55)

(Convite para o banho)

_ Chamais, filho, chamais,
Chama ele para um banho,
Se ele for homem
O banho é de tomar,
Se ele for mulher
Desculpa tem para dar.
(LIMA, 1977, p. 56)

Os trechos merecem destaque porque, ao trazer as imagens do jardim e do banho, o romance também pode revelar alguns indícios dos rituais ancestrais que possuíam conotação com práticas erótico-religiosas, mencionados por Ria Lemarie (1990), e que fazem parte das tradições orais indo-europeias, das quais o romance é representativo. Assim, segundo Ria Lemaire (1990):

A canção fala de amor e dos rituais ancestrais que os jovens repetiam para praticá-lo: ir à beira do rio para se verem, sentar-se ao pé de uma árvore sagrada ou de um bosque sagrado (aqui o rosal) e cortar a flor antes de praticar o ato sexual. O rosal florido é o símbolo da fecundidade da mulher em idade núbil (LEMAIRE, 1990, p. 16).

Dessa forma, o convite para ir a um bosque (jardim, no caso), a apreciação da rosa por Dão Varão, bem como o convite para ir ao rio (banho) podem estar relacionadas a tais práticas pertencentes ao universo feminino. No que se refere ao banho, Antônio Marcos dos Santos Trindade (2016, p. 81) afirma que se trata de “uma liberdade impensável, no contexto patriarcal”. Além de representar uma liberdade negada às mulheres em uma sociedade mais tradicional, a imagem do banho também pode estar relacionada aos encontros amorosos e aos rituais ancestrais que fazem parte das tradições orais pertencentes ao universo feminino. Além disso, os convites para o jardim e para o banho foram sugestões feitas pela mãe do filho do general, fato que comprova o pertencimento ao universo feminino.

No terceiro e último momento da narrativa, há a comprovação da honra da *Donzela Guerreira*, conforme se verifica no seguinte trecho:

_ Da onde vem, filha minha,
Que já vem acompanhada:
_ Donzela, saí daqui,
Donzela tornei voltar,
Só quem quis me acompanhar
Foi o filho do Generá,
Se botasse as mãos em mim
A vida eu mandava tirar:

_ Marche, marcha, minha filha,
Pra igreja te casar.
(LIMA, 1977, p. 57)

O trecho merece destaque pelo fato de que, além de todos os desafios que lhes foram impostos ao se tornar uma guerreira, ainda assim, ela precisava passar por um último desafio que era o de provar a sua honra, ou seja, comprovar que sua virgindade estava mantida. Após essa comprovação, o pai decide casá-la com o filho do general.

Assim, a narrativa da *Donzela Guerreira* é surpreendente não só por apresentar esse rompimento com os padrões sociais e com a forma da divisão do trabalho entre os sexos, mas também por tornar-se um texto da tradição oral precursor do ponto de vista literário e cultural, pois desestabiliza a divisão tradicional do trabalho artístico que separava homens e mulheres em mundos distintos.

Quanto à forma e ao conteúdo, o romance *Donzela Guerreira* também consegue romper com alguns padrões relacionados à divisão do trabalho entre os sexos nas esferas do trabalho literário e cultural. Acerca dessa divisão, Ria Lemaire (1990) cita os folcloristas Karl Bucher e Imre Katona para explicar que o ritmo e o trabalho estavam relacionados com a produção dos gêneros literários. De acordo com essa divisão, o gênero lírico é atribuído às mulheres, enquanto que o épico, aos homens.

Diante dessa premissa, o romance *Donzela Guerreira*, mais uma vez, rompe essa divisão, consegue burlar essa ordem estabelecida, uma vez que a narrativa desestabiliza essa categorização estanque porque consegue compor um gênero híbrido, ao mesclar elementos líricos e épicos em uma única produção. O texto constitui-se enquanto uma narrativa heroica de uma mulher que se disfarça de homem para ir à guerra no lugar de seu pai, descreve esse feito heroico através de um lirismo que pode ser encontrado em alguns elementos. Além

disso, essa heterogeneidade pode ser constatada também através da forma e do conteúdo do romance, pelo fato de constituir-se enquanto uma narrativa oral cantada em versos.

Quanto ao aspecto formal, a análise do romance *Donzela Guerreira* também apresenta em sua estrutura algumas características que podem ter sido utilizadas como mais uma das estratégias de apropriação das tradições orais femininas pelos homens que detinham o monopólio da escrita. No caso da versão *Dão Varão*, especificamente, as alterações e mudanças podem ter sido realizadas durante o processo de adaptação da versão oral, narrada por Dona Maria do Anjos, para a publicação dos textos, na sua versão escrita. Ao fazer uma análise sobre o aspecto formal do romance *Dão Varão*, Antônio Marcos dos Santos Trindade (2016) apresenta alguns indícios que comprova essa hipótese, ao afirmar que:

A versão está estruturada em versos de sete sílabas, a redondilha maior, nas três partes. A rima se dá em palavras terminadas em -ão e em -ar, predominando nos versos pares, segundo o esquema AB-CB-DB-EB-FB. Contudo, as rimas se apresentam de forma bastante irregular, havendo versos que fogem ao esquema geral (TRINDADE, 2016, p. 78).

Antônio Trindade (2016) evidencia a irregularidade das rimas e versos que “escapariam” ao “ padrão” de estrutura. No entanto, a constatação de certa irregularidade quanto à estrutura pode, portanto, ser resultante do processo de adaptação do texto oral para a versão escrita, realizada pelo autor que recolheu os romances. A seção a seguir foi produzida a fim de compreender algumas das particularidades que compõem o texto oral.

4.2 ESPECIFICIDADES DA LITERATURA ORAL

A escolha do romance *Donzela Guerreira*, na versão *Dão Varão* visa, dentre outros objetivos, a promover uma valorização e apreciação dos textos da tradição oral no ambiente escolar e o (re)conhecimento do importante papel das mulheres enquanto produtoras dessas poéticas orais. Dessa forma, a proposta de leitura do romance *Donzela Guerreira* emerge enquanto um posicionamento político, visto que pretende dar vez e voz a essas mulheres: é uma forma de legitimar suas poéticas orais femininas. Diante dessa premissa, faz-necessário reconhecer algumas particularidades que compõem o texto oral, neste caso, o romance.

Um das principais particularidades do texto oral refere-se justamente à forma com que ele é produzido: através da performance. A performance “[...] é a ação complexa pela

qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida” (ZUMTHOR, 2010, p. 31). Dessa forma, a ação performática constitui-se como um ato irrecuperável porque se reatualiza: “A Globalidade, provisória. Cada performance nova coloca tudo em causa. A forma se percebe em performance, mas a cada performance ela se transmuda” (ZUMTHOR, 2018, p. 32). Portanto, a cada performance os elementos que compõe aquele ato são reatualizados, através daquela ação.

Assim, é possível constatar que, a cada performance, temos uma nova leitura que está sendo realizada, um novo texto está sendo produzido. Portanto, ao cantar os romances, as mulheres também os constroem, ao imprimir seus gestos, entonações, ritmos, subjetividades, expressões faciais, emoções, sensações e vozes, ou seja, compõem uma espécie de jogo cênico, uma teatralidade.

Uma outra especificidade do texto oral refere-se ao conceito de autoria. Ao contrário de tratar-se de uma produção fixa, rígida, individual, que compreende o texto enquanto “propriedade” de um autor, o conceito de autoria, para a literatura oral, constitui-se enquanto um paradoxo porque pode ser compreendida enquanto uma produção simultaneamente coletiva e individual. Coletiva por estar relacionada a uma tradição que se mantém viva através de várias gerações, na memória de uma comunidade; individual pela singularidade que cada intérprete e/ou narradora imprime ao produzir o romance. Os conceitos de intérprete e narradora estão relacionados à autoria dos textos orais. Acerca dessa premissa, Doralice Alcoforado (2008), em *Literatura Oral e Popular*, apresenta a seguinte afirmação:

O texto da literatura oral fruto do trabalho de recriação que uma individualidade opera em um texto virtual, que traz na memória, atualizando-o a situações locais, por perceber que esse patrimônio cultural, armazenado na memória coletiva, não tem dono, é propriedade de todos. Dessa forma, ao transmiti-lo como coisa sua, o transmissor se dá o direito de nele intervir (ALCOFORADO, 2008, p. 112).

É preciso reconhecer o papel das mulheres enquanto produtoras dos textos orais, são as narradoras e/ou intérpretes que criam e recriam as tradições orais em diferentes contextos de produção. O estudo do romance revela a existência de uma tradição oral feminina, como afirma Alvanita Santos (2005, p. 43), “Como é muito comum nos textos escritos, a mulher é tema constante, também na produção oral, mas, além disso, identifico nos romances uma mulher produtora de textos”.

Dessa forma, é possível admitir que a autoria dos textos orais pressupõe uma ampliação e/ ou ressignificação desse conceito, porque precisa ser compreendido sob uma perspectiva mais abrangente.

Acerca de algumas particularidades que compõem o texto oral, tem-se o estudo realizado por Ruth Finnegan (2006), em *O significado da literatura em culturas orais*. Nele, a autora registra que:

A característica mais marcante da oralidade, em contraste com a literatura escrita, é a sua variabilidade. [...] Por sua natureza, a literatura é mutável: não pode ser checada de acordo com uma referência escrita padrão, e o artista/compositor está consciente da necessidade de falar mais, de acordo com o que sua audiência demanda, do que esteja preocupado com um protótipo remoto (FINNEGAN, 2006, p. 81).

Justamente por ser produzida através da performance que reúne vários elementos subjetivos da intérprete e/ou narradora, tais como: voz, gestos, ritmos, sonoridade em um jogo teatral. Portanto, a forma de produção do texto oral, a partir da performance, garante parte da variabilidade que constitui o romance. Assim, a variabilidade enquanto característica própria da oralidade também justifica o fato de haver diversas versões que um mesmo texto oral apresenta, bem como os diferentes meios de comunicação e suportes através dos quais ele pode circular.

Uma outra particularidade que compreende a literatura oral refere-se ao importante papel do público durante a produção do texto oral:

Em contexto não-letrado, o público é, na prática essencial – não há forma escrita pela qual se possa expressar alguma coisa de outra maneira que não seja diante daqueles a quem ela se dirige (FINNEGAN, 2006, p. 96).

Embora não apenas em contexto não-letrado, o público assume grande importância para a produção do texto oral porque a presença dele torna-se fundamental, até porque a autora (intérprete/narradora) e o público (leitores) estão presentes no exato momento da sua produção. Além disso, a presença da audiência torna-se elemento fundamental para o texto oral, na medida em que a sua produção é realizada através da performance: são as suas expectativas, reações, participações que também compõem os textos orais.

Na seção a seguir, será apresentado o público-alvo da presente proposta, mas, antes disso, é preciso conhecer a escola onde ela foi desenvolvida.

5 O PÚBLICO

5.1 PERFIL DA ESCOLA

Diante da urgência em se empreender mudanças significativas no que se refere às práticas de ensino de literatura, buscamos construir uma proposta de leitura literária do romance, a fim de promover uma valorização e apreciação da oralidade, a partir de um recorte das relações de gênero.

Nesse contexto, a escola emerge enquanto espaço privilegiado para mediar a formação de leitores e promover experiências estéticas singulares. Esta dissertação objetiva, dessa forma, apresentar uma proposta de intervenção a partir da leitura literária oral na Escola Estadual Epifânio Dória, doravante EEED.

A escola EEED possui as seguintes modalidades de ensino: Fundamental I (do 1º ao 5º ano) e o Fundamental II (do 6º ao 9º ano), respectivamente nos turnos matutino e vespertino. A escola é composta por 40 funcionários e atende 480 alunos, sendo 126 do fundamental I e 354 do fundamental II, que residem, quase em sua totalidade, na área urbana do município. Somente 27 alunos residem no campo, utilizando-se do transporte escolar. A escola dispõe de uma biblioteca em seu espaço escolar, a biblioteca Jorge Amado.

Apesar de estar localizada um pouco afastada do centro, a escola recebe alunos de todos os lugares e é bastante procurada e aceita pela comunidade enquanto instituição de ensino. A unidade escolar sempre busca adotar novas iniciativas e contribuir para a realização de projetos que visem à melhoria das relações de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, esta proposta de intervenção é a segunda desenvolvida por professores mestrandos na instituição.

Anteriormente, a escola foi premiada com um troféu e um computador pela participação dos alunos em uma Feira de Ciências, realizada em Aracaju, através do projeto do Atlas da cidade de Poço Verde, desenvolvido pelo professor de Geografia, na época, Murilo de Aguiar Souza.

A equipe gestora, bem como toda a comunidade, aderiu e acolheu a proposta, aqui apresentada, procurando demonstrar interesse pela parceria firmada entre a Universidade e a escola. Dentro das suas possibilidades e, apesar de reconhecer algumas dificuldades e limitações quanto à estrutura e ao uso de laboratórios de informática, o projeto de intervenção foi bem aceito e abraçado pela comunidade escolar.

A escola é considerada uma “segunda casa” para alguns alunos. Muitos continuam a frequentá-la mesmo em turno oposto ao que estuda, ou até durante o período de férias, o que revela que os alunos a compreendem como muito mais do que uma instituição de ensino, mas como um espaço significativo de socialização e lazer. Dessa forma, é possível afirmar, portanto, que a escola está muito mais compreendida enquanto um espaço educativo, uma comunidade onde são construídas inúmeras formas de socialização e que extrapola as delimitações de sua estrutura física.

Atuar como professora e pesquisadora na referida escola e organizar a presente proposta, a partir de um gênero da literatura oral popular, constitui-se em uma grande realização pessoal e profissional, pelo fato de eu sempre ter sido uma admiradora da cultura popular. Durante a minha graduação na Universidade Federal da Bahia (UFBA), eu tive um encontro com a literatura popular e essa admiração aflorou ainda mais por alguns motivos: o primeiro se refere à oportunidade de cursar a disciplina *Literatura Popular*; o segundo se deve à minha participação no grupo de pesquisa *Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular (PEPLP)*, em que tive a oportunidade e felicidade de conhecer a professora Alvanita Santos e de ser sua orientanda, durante esse período. Assim, ao longo dessa minha formação, sempre tive paixão e fascínio pela literatura popular.

Construir a proposta de leitura literária do romance *Donzela Guerreira*, gênero da literatura popular pelo qual sempre tive admiração, e produzir o Caderno do(a) aluno(a) *Donzela Guerreira: em busca da tradição oral sergipana* constitui-se como um ciclo de realizações enquanto professora e pesquisadora. Foi uma oportunidade ímpar de formação e aprendizagens. Ao me tornar mediadora desse projeto, pude me sentir ainda mais envolvida com a formação dos meus alunos e alunas.

Antes de apresentar a proposta ao público a que se destina, no entanto, fez-se necessário fazer um levantamento acerca da leitura literária, a fim de verificar o seu horizonte de expectativas, bem como suas condições de recepção da proposta.

5.2 LEVANTAMENTO SOBRE LEITURA LITERÁRIA

Antes mesmo de dar início à realização das oficinas, fez-se necessário conhecer melhor o horizonte de expectativas da turma para que, posteriormente, a proposta pudesse ampliá-lo.

Enfim, foi preciso saber as expectativas em relação à leitura e investigar quais seriam os horizontes de expectativas dos estudantes em relação à oralidade.

Diante da necessidade de mudanças quanto à abordagem dada aos textos em sala de aula, com vistas a promover uma proposta de leitura literária e à formação do leitor, mas, além disso, para evitar a repetição de um discurso vazio e de concepções que acabam cristalizando-se nos discursos de professores de que “os alunos não leem”, foi sugerida pela banca examinadora de qualificação desta dissertação a aplicação de uma atividade diagnóstica, afim também de justificar a realização do trabalho em sala de aula. Dessa forma, optamos pela realização de um levantamento sobre a leitura literária entre os alunos. Para tanto, foi utilizado um *Questionário de Sondagem*.

A aplicação do questionário forneceu algumas informações de grande importância, sobretudo por promover o levantamento de questões norteadoras da construção da proposta de leitura literária de um gênero da tradição oral, tais como: investigar seus gostos e experiências com as leituras e verificar o conhecimento dos estudantes acerca da literatura oral popular a fim de que os objetivos da proposta de intervenção fossem alcançados. Além disso, o levantamento das informações realizadas através da aplicação do *Questionário de Sondagem* também contribuiu para justificar a necessidade da construção de uma proposta de leitura literária do romance *Donzela Guerreira*. Nas seções seguintes, a aplicação do questionário e o perfil dos alunos serão melhor apresentados.

5.3 QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM

Apresentamos, a seguir, no Quadro 1, o *Questionário de Sondagem* utilizado durante a pesquisa na escola.

Quadro 1 – Questionário de Sondagem

- 1) Você se lembra de alguma história contada por algum familiar (pais, avós etc.) ou amigo que você tenha gostado muito? Qual? Faça um breve resumo dessa história. Por que você gostou dessa história?
- 2) Faça um breve comentário sobre a sua relação com a leitura?
- 3) Como você se define enquanto leitor(a)? “Eu sou um(a) leitor(a)...
- 4) Quais leituras você gosta de fazer? Por quê?
- 5) Quais leituras você gostaria que fossem realizadas na escola, nas aulas de Língua Portuguesa?

- 6) Cite uma leitura marcante para você? Justifique.
- 7) Ao fazer a leitura, você costuma ter dificuldades? Quais?
- 8) Você já leu algum texto da literatura oral popular? Qual? Comente sobre a leitura realizada.
- 9) Você acha que a escola costuma propor leituras da literatura oral popular? De que forma?
- 10) Das leituras da literatura oral popular que você realizou, havia alguma história que tinha como personagem principal princesas ou outras personagens femininas? Qual(is)?
- 11) Você já leu algum texto de autor ou autora sergipana na escola? Qual? Faça um breve comentário sobre a leitura realizada. Você gostou? Por quê?
- 12) Você acha que é possível conhecer um pouco mais sobre a cultura de Sergipe na escola? De que forma?
- 13) Você acha que é possível conhecer um pouco mais sobre a cultura de Sergipe na escola? De que forma?

5.4 PERFIL DOS ALUNOS

A mudança do público-alvo a que se destina a proposta também fez-se necessária por conta de uma adequação e adaptação da mesma, a fim de atender aos objetivos da pesquisa, tendo em vista às expectativas dos estudantes, pois, esse público é formado por adolescentes de faixa etária entre catorze e quinze anos.

Apesar de não ter sido possível concluir todas as oficinas de leitura literária, a proposta foi bem recebida pelos estudantes, principalmente, durante a sua realização. Durante algumas etapas, foi possível construir um perfil da turma através da aplicação do *Questionário de Sondagem*, ainda que de forma parcial.

Essa avaliação preliminar possibilitou o levantamento de algumas hipóteses para a construção desse perfil parcial. Dentre as informações, destacam-se:

- 1) A constatação observada por Rouxel (2013), ao analisar os diários de bordo dos estudantes, no que se refere ao fato de que as leituras realizadas na esfera privada e consideradas “fora da literatura” podem se tornar leituras marcantes e significativas para o sujeito leitor. Prova disso é a prática de leitura mencionada em resposta ao item referente a uma leitura marcante em que foram citados: *best-sellers*, mangás, histórias em quadrinhos, livros infantis, auto-ajuda, inclusive, obras com temas feministas.
- 2) A possibilidade de fazer um breve levantamento a respeito do conhecimento que eles tinham sobre a literatura oral popular, já que foi possível constatar que a

maioria tinha uma compreensão ainda muito restrita à noção de folclore. Comprova-se isso nos exemplos de textos citados como sendo literatura oral popular, como causos e lendas.

3) Há um reconhecimento do número reduzido de leituras sobre obras sergipanas, por outro lado, também é reconhecida a sua importância por parte dos alunos(as).

4) É preciso registrar, também, a grande adesão e participação dos estudantes em uma das etapas das oficinas que propunha a leitura de um poema produzido pela cordelista sergipana Izabel Nascimento. Além da apresentação da cordelista, leitura e debate sobre o poema na sala de aula, foi possível realizar uma participação especial dos alunos a fim de conhecer melhor o gênero cordel, durante o programa *Cordel de Quinta*, realizado e transmitido pelas redes sociais da cordelista. O encontro foi bem proveitoso e merece destaque pelo grande envolvimento dos estudantes na elaboração de perguntas sobre o gênero cordel e sobre a trajetória e formação de Izabel Nascimento enquanto cordelista.

Na seção, a seguir será apresentada a análise dos dados obtidos através da aplicação do *Questionário de Sondagem* na turma.

5.5 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DE SONDAAGEM

A análise dos dados obtidos através do *Questionário de Sondagem* possibilitou seguir algumas orientações e consolidar algumas informações que contribuíram significativamente para a construção da proposta de leitura de romance *Donzela Guerreira*.

Ao analisar o questionário aplicado, é possível afirmar que, quanto às respostas dadas sobre uma história engraçada, da qual os(as) alunos(as) tenham gostado, a grande maioria afirmou não lembrar. Outros mencionaram algumas lendas, como a de Lobisomem, por exemplo; outros narraram uma situação engraçada do cotidiano.

A maioria relatou sentir dificuldades nos itens 2 e 6, que são perguntas voltadas para o registro da relação deles com a leitura e as dificuldades encontradas, apesar de alguns afirmarem gostar de ler. Grande parte dos alunos revelaram considerarem-se leitores observadores, reservados, inconstantes etc. Chama atenção o grande número de estudantes

que se revelaram reservados. Esse dado pode ser compreendido como indício de que, para muitos(as) alunos(as), a leitura é compreendida como uma experiência íntima e pessoal.

Quanto ao item 4, *Quais leituras você gosta de fazer? Por quê?*, foram mencionados vários textos. Muitos mencionaram textos de redes sociais, histórias de suspense, poemas etc. Merece destaque o grande número de estudantes que revelaram gostar de textos veiculados no meio virtual. Quanto à análise desse dado, ao contrário de algumas visões que se encontram cristalizadas no meio educacional de que os alunos “não leem”, verificamos justamente que a maioria lê bastante, mas essa leitura acontece com maior intensidade no meio virtual, principalmente em redes sociais, como o *Facebook* e o *Instagram*. Além disso, foi possível constatar o grande interesse por leituras de hipertextos e textos multimodais. Tal fato pode ser considerado um indício de que a leitura dessas produções pode ser mais envolvente e atrativa para esse público, principalmente para os(as) adolescentes.

Um fato interessante foi revelado no item 5, pelo fato de uma boa parte dos alunos citarem o cordel e os poemas como exemplos de leituras que gostariam que fossem realizadas nas aulas de Língua Portuguesa. O dado pode indicar que alguns estudantes já apreciavam um gênero da literatura popular e/ou textos poéticos, o que foi compreendido de forma positiva, pois se constitui enquanto um indício de que a realização da proposta de leitura literária do romance *Donzela Guerreira* pode ter uma boa aceitação e recepção naquela turma.

As leituras consideradas marcantes foram bem diversas nas respostas: livros infantis, *best-sellers*, diários, revistas em quadrinhos, mangás, livros de auto-ajuda, textos sobre curiosidades, a coleção *Anne, de Green Gables* (livros citados como contendo assuntos sobre feminismo e amor próprio), entre outros. Essas são as preferências da maioria, no que se refere à leitura, conforme também foi evidenciado por Rouxel (2013), ao analisar os diários de bordo de leitura produzidos pelos alunos do Ensino Médio.

Chama atenção o fato de que o dado também confirma a afirmação da autora de que a apropriação singular das obras feitas por esse público pressupõe a seleção de um corpus menos escolarizado, sendo representativo de práticas leitoras ricas, o que pode ser constatado pela indicação dos diferentes gêneros mencionados pelos(as) estudantes, considerado que são leituras que não costumam constar nas propostas de literatura no contexto escolar. A análise desse dado também confirma a hipótese, anteriormente apresentada, de que muitas das reflexões apresentadas por Rouxel (2013), ao analisar os diários de bordo de leitura dos alunos do Ensino Médio, também podem ser observadas com o público do Ensino Fundamental II.

Quanto ao item 9, *Você acha que a escola costuma propor leituras da literatura oral popular? De que forma?*, os(as) aluno(as) mencionaram livros, projetos, seminário, eventos.

Alguns trataram os contos maravilhosos como exemplos de textos que apresentam personagens femininas. Esse dado pode indicar que as referências às obras que investem na representação de mulheres no papel de personagens principais se encontram na literatura infantojuvenil, obras descobertas ainda na infância, mas que permanecem na memória desses leitores. Analisar esse dado torna-se ainda mais interessante se pensarmos que algumas obras de literatura infantojuvenil resultam de adaptações de narrativas orais, tais como os *Contos dos Irmãos Grimm*.

Quanto aos itens 11, 12 e 13, a maioria revelou não ter tido contato com obras de autores(as) sergipanas. Ao analisar esse dado, foi possível constatar a informação de que há um número reduzido de práticas de leitura que priorizam o texto oral, no que se refere ao ensino de literatura, conforme mencionado.

A aplicação do questionário possibilitou, por exemplo, constatar que a grande maioria dos estudantes possuía um conhecimento sobre literatura oral popular muito mais restrito e diretamente relacionado ao folclore, pois a grande maioria citou lendas e causos como exemplos de textos lidos da literatura oral popular, apesar de alguns mencionarem o cordel. Tal fato pode evidenciar que, para muitos deles, a literatura oral estaria relacionada a uma visão pejorativa, na qual se acredita que os textos da tradição oral se referem apenas às histórias fantasiosas, o que costuma levar ao descrédito.

Infelizmente, não foi possível concluir a realização das oficinas por algumas razões. A primeira está relacionada à mudança do público-alvo. Após a submissão do trabalho à *Banca de Qualificação*, verificou-se a necessidade de mudança do público-alvo do 6º ano para o 9º ano e se fez necessária a adequação da proposta. Porém, a Diretoria Regional de Educação 2, doravante DRE 2, divulgou um cronograma de ações destinadas especificamente para as turmas dos 9º anos, visando à preparação para a *Prova Brasil*, iniciativa até então nunca realizada na instituição de ensino. Durante a realização dessa etapa, a DRE 2 adotou, para aquele ano, encontros de formação de professores, material didático incluindo o uso de módulos e aplicação de simulados de acordo com o cronograma estabelecido. Entretanto, essa mudança inviabilizou a conclusão do projeto nas turmas.

A segunda razão está relacionada ao fato de que, embora as oficinas tenham sido iniciadas nas turmas de 9º ano, não foi possível concluir o trabalho por conta da suspensão

das aulas, devido às medidas de prevenção e de enfrentamento contra a pandemia de COVID-19.

Na seção a seguir, serão elencados alguns motivos que levaram à construção da presente proposta.

5.6 MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA DO ROMANCE

A aplicação do *Questionário de Sondagem* funcionou como estratégia para a construção de um diagnóstico da turma. Através desse levantamento, foi possível observar algumas das justificativas para a realização do trabalho:

- Como propõe Rouxel (2013), é preciso priorizar o diverso quanto ao ensino literatura, ou seja, é preciso promover práticas de leituras voltadas também para obras da literatura popular, literatura infanto-juvenil etc.;
- Através do *Questionário de Sondagem*, verificou-se a necessidade de ampliar o conhecimento dos alunos e alunas sobre a literatura oral popular, diante da constatação de que, para muitos, essa produção ainda estava muito restrita e reduzida ao conceito de folclore;
- As respostas dos estudantes também revelou a necessidade de uma valorização e apreciação da literatura oral popular, tendo em vista o número reduzido de leituras de obras produzidas por autores e autoras sergipanos(as);
- É necessário promover práticas de leituras lúdicas como forma de contribuir para a formação de leitores.

Na seção a seguir, começaremos a conhecer de que forma foi construída a proposta para a literatura popular.

5.7 LITERATURA ORAL POPULAR: UMA PROPOSTA

São inúmeros os equívocos e os erros cometidos quanto ao ensino da literatura, dentre os quais se destacam: o principal deles, propor a leitura do texto como “pretexto” para trabalhar conteúdos gramaticais; o uso do texto literário limitado ao ensino da sua estrutura,

como utilizar poemas apenas para ensinar figuras de linguagem ou reduzir o ensino de literatura à apresentação da sua historiografia; a apresentação das chamadas escolas literárias com suas principais características, obras e autores, sem propor a leitura de quaisquer obras literárias.

Dessa forma, mudanças urgem e são cada vez mais necessárias, sobretudo no que se refere à necessidade de novas abordagens dos textos na sala de aula. Nesse sentido, construímos uma proposta de intervenção que apresenta uma sequência básica de oficinas conforme os estudos de Cosson (2014, p. 23), no que se refere ao letramento literário, quando afirma que “[...] é uma prática social e, como tal responsabilidade da escola”, objetivando promover o desenvolvimento de práticas de leituras literárias inovadoras, leitura subjetiva e formação do leitor, abordadas por Rouxel (2013).

Nesse sentido, algumas contribuições dadas por Rouxel (2013) para realizar tais mudanças estão relacionadas com novas perspectivas e conceitos metodológicos para o ensino de literatura. Um deles se refere ao conceito de leitura literária, que acaba por ampliar e ressignificar o ensino de literatura, sendo possível considerar a existência de culturas literárias, não somente uma única cultura, ao contrário do que ainda hoje é realizado nas práticas escolares.

Entretanto, independente do pertencimento e/ou hierarquias das obras a um *corpus* legítimo ou não, é justamente a relação do leitor com o texto que merece destaque. Dessa forma, faz-se necessário reaprender a ver na literatura suas potencialidades, sua capacidade de dizer o indizível, de promover experiências estéticas diversas, de empreender através da linguagem uma travessia para o outro, de possibilitar a identidade literária, ecos e ressonâncias subjetivas, até porque o texto se constrói a partir do leitor. Segundo Rezende (2013), a perspectiva que aciona e requisita a presença do leitor (aluno) coaduna com práticas de leitura que valorizam a memória cultural dessa recepção.

Dessa forma, é preciso considerar que o texto literário também é construído a partir da subjetividade de quem o lê. Isso significa que é preciso, cada vez mais, ouvir os alunos, tentar identificar as imagens construídas por eles através da leitura e as relações que cada um estabelece, as identificações com determinada personagem, a mobilização de leituras realizadas. São esses aspectos que podem contribuir para uma literatura cada vez mais “participativa” e “identificatória”, nas palavras de Rezende (2013).

Assim, é de fundamental importância que a leitura dos textos proponha uma maior aproximação com o leitor. É preciso incitar os leitores a ler a partir de si, a reagir sobre os

efeitos da obra sobre eles. Tal perspectiva propõe importantes e desafiadoras mudanças de abordagem dadas aos textos na sala de aula: “A heterogeneidade das salas de aula, a vontade de formar leitores para a vida nos conduzem a reconsiderar o corpus da literatura ensinada, para abri-los a outras literaturas: literatura popular, literatura infanto-juvenil” (ROUXEL, 2014, p. 29).

Dessa forma, é importante que as práticas escolares voltadas para o ensino da literatura passem a incentivar práticas leitoras como essa, considerá-las potencializadoras, autênticas e legítimas, evidências de uma leitura efetiva, que é compartilhada por leitores que se colocam como coautores no processo de colaboração na construção de sentidos do texto lido.

Na seção a seguir, serão apresentadas algumas particularidades que compõem o texto oral que justificam a escolha do gênero.

6 A NARRADORA

6.1 PRÁTICA DE LEITURA

O romance selecionado para esta análise, da temática da *Donzela Guerreira, Dão Varão*, foi narrado por dona Maria dos Anjos e recolhido e adaptado por Jackson da Silva Lima (1977). Apesar de o texto ser escrito, é possível reconhecer marcas da oralidade que nos permitem considerá-lo enquanto uma obra pertencente à literatura oral popular de Sergipe.

A justificativa para a escolha desse romance deve-se à temática da luta da jovem donzela em uma guerra, representando seu pai. Assim, ao se considerar os romances enquanto literatura oral popular, pertencente ao universo feminino, destacamos a importância da mulher como uma artista que narra segundo sua subjetividade. Assim, no dizer de Alvanita Santos (2005):

Como é muito comum nos textos escritos, a mulher é tema constante, também na produção oral, mas, além disso, identifiquei nos romances uma mulher produtora de textos. Ela é também produtora, a partir do momento em que, na narrativa oral, cada novo informante coloca em evidência um novo ponto de vista, ainda que mantenha o fundamental enredo, cada informante acrescenta algo, retira algo, modifica o texto, participando, portanto da sua criação (SANTOS, 2005, p. 43).

Dessa forma, é possível compreender algumas das condições de produção poética do romance, enquanto literatura oral pertencente ao universo feminino, na medida em que a mulher surge como “produtora”, narradora e, conseqüentemente, autora desses textos, sobretudo ao considerarmos que, ao narrar o romance, as mulheres também imprimem suas subjetividades, suas sensações, emoções, desejos, memórias e leituras de mundo. Com isso, as mulheres que narram o romance são denominadas de intérpretes ou narradoras e também são consideradas autoras desse texto.

Além disso, os romances podem ser considerados pertencentes ao universo feminino não só por serem produzidos por mulheres, mas também por retratar personagens femininas próprias da tradição oral, tais como: *Donzela Guerreira, Delgadinha, Bela Infanta, Juliana*, entre tantas outras. As temáticas também envolvem questões relacionadas à mulher que retratam essas personagens, tais como a *Donzela Guerreira*, capaz de enfrentar todos os desafios de uma guerra; a inocente *Delgadinha*, que é vítima do assédio do pai; a *Bela*

Infanta, que retrata a mulher que está à espera do seu esposo que está na guerra, mas que, ainda assim, precisa provar sua fidelidade; *Juliana*, que sofre com traição de seu noivo.

Tendo em vista as suas condições de produção, temáticas e personagens femininas, diante dessa significativa relação entre os romances, o universo feminino e, sobretudo, pelo fato de que em muitos deles são apresentadas mulheres como personagens principais, acreditamos que as relações de gênero poderão fomentar uma proposta de leitura literária, a partir dos romances.

Se levarmos em conta as relações de gênero, a prática de leitura dessas obras pode ser vista como uma abordagem de ressignificação do lugar da mulher na literatura oral, uma vez que as “relações de gênero são construções culturais” e passam tanto pelos aspectos estéticos, como pelas suas opções ideológicas, que podem ser tensionados na leitura (GOMES, 2011, p. 16). Nesse caso, as particularidades subjetivas das opções narradas são relevantes desse universo feminino que busca romper com as tradições machistas.

Por essa perspectiva, a performance também pode ser associada ao processo de dramatização de um romance, quando temos um intérprete e/ou narradora, que, ao narrar a história, também imprime seu corpo, sua voz, seus gestos, suas leituras de mundo. Tais elementos são próprios da performance artística, ou seja, o ato da leitura aciona um conjunto de elementos:

A performance está para o narrador da mesma forma que a voz está para o “ouvinte cúmplice” ao passo que, a narrativa oral em presença, não se desvincula do corpo no ato de sua transmissão. A voz está no corpo e o corpo está voz (ZUMTHOR, 2005, p. 89).

Tais elementos da performance e suas particularidades são próprias da “situação oral”, presentes tanto na transmissão, como na recepção, vista como “um ato único de participação, copresença, esta gerando o prazer. Assim, é possível compreender também a capacidade que a leitura tem de nos provocar prazer, sobretudo, diante dos efeitos que a performance é capaz de gerar. Esse ato único é performance” (ZUMTHOR, 2018, p. 53). Logo, a importância dos estudos sobre a cultura oral também faz parte de uma performance pedagógica atual, pois as narradoras dessas obras:

Desempenham o papel de suportes ativos da tradição oral luso brasileira, guardando memorialmente, a despeito de sua condição sociocultural muitas vezes desfavorável as suas práticas culturais, um arquivo romancístico de grande valor cultural (TRINDADE, 2015, p. 55).

Com o objetivo de propor uma abordagem de valorização da tradição oral, construímos uma proposta de intervenção que apresenta uma sequência básica de oficinas, conforme os estudos de Cosson (2014), com a finalidade de promover o desenvolvimento de práticas de leituras literárias inovadoras, leitura subjetiva e formação do leitor, abordadas por Rouxel e Rezende (2013).

Nesse sentido, algumas das contribuições dadas por Rouxel (2013) para realizar, tais mudanças podem estar relacionadas com novas perspectivas e conceitos metodológicos para o ensino de literatura. Nesse rumo, Rezende (2013) atualiza tal prática ao valorizar a presença do leitor (aluno) para o resgate da memória cultural do texto lido.

Assim, é preciso considerar que o literário também é construído a partir da subjetividade de quem o lê. Ou seja, faz-se, cada vez mais, necessário, ouvir os alunos, tentar identificar as imagens construídas por eles pela leitura, as relações que cada um estabelece, as identificações com determinado personagem, a mobilização de leituras realizadas. Esses são aspectos que podem contribuir para uma literatura cada vez mais “participativa” e “identificatória”, nas palavras de Rezende (2013).

Por essa abordagem, é de fundamental importância que a leitura dos textos proponha maior aproximação com o leitor, pois é preciso incitá-los a ler a partir de si, a reagir sobre os efeitos da obra sobre eles. Tal perspectiva propõe importantes e desafiadoras mudanças de abordagem dadas aos textos, conduzindo “a reconsiderar o corpus da literatura ensinada, para abri-los a outras literaturas: literatura popular, literatura infanto-juvenil” (ROUXEL, 2014, p. 29).

Dessa forma, práticas leitoras potencializadoras são compartilhadas por leitores que se colocam como coautores no processo de colaboração na construção de sentidos do texto lido.

A seguir, será evidenciado o recorte dado à proposta de leitura literária que explora a temática da *Donzela Guerreira*: as relações de gênero.

6.2 AS RELAÇÕES DE GÊNERO COMO PROPOSTA

Por ser o romance um gênero da tradição oral feminina, tendo em vista a predominância das mulheres enquanto produtoras desses textos, as suas condições de produção, temáticas e personagens femininas, propomos um recorte do romance *Donzela*

Guerreira a partir das relações de gênero. Além disso, o referido romance ganha destaque por provocar o rompimento com alguns padrões sociais, ao apresentar uma personagem feminina que assume um papel ativo dentro da narrativa.

Dessa forma, ao considerar o romance enquanto produção predominantemente feminina, faz-se necessário compreender a importância dessas narrativas orais femininas, a partir dos estudos de relações de gênero.

Por muito tempo, essas narrativas orais foram excluídas e negligenciadas do meio acadêmico e das práticas pedagógicas. Tal exclusão pode ser compreendida até como uma estratégia de invisibilidade sofrida pelas mulheres produtoras desses textos das tradições orais. Assim, como afirma Guacira Louro (2010), ao analisar o percurso dos estudos feministas,

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo feminista desses primeiros tempos. A segregação das estudiosas social e política a que as mulheres sofreram historicamente tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da Ciência (LOURO, 2010, p. 17).

Destarte, dentre os demais objetivos que o trabalho pretende alcançar, está o desejo de dar visibilidade às poéticas orais femininas no ensino de literatura, a fim de propor aos estudantes uma valorização da oralidade, através de um gênero da tradição oral, produzido por mulheres. A perspectiva de relações de gênero que compõe o recorte do romance *Donzela Guerreira* compreende a análise da personagem feminina, suas ações e relações com outros personagens.

A perspectiva de relações gênero adotada para a análise do romance *Donzela Guerreira* objetiva corroborar com a compreensão de gênero evidenciada por Joan Scott (1990), em *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, quando a autora afirma que: “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 21). Dessa forma, o ponto de vista das relações de gênero que compõe o recorte do romance *Donzela Guerreira* compreende a análise da personagem feminina, suas ações e relações com outros personagens, a fim de identificar tais formas de diferenciação entre os sexos e as relações de poder representadas no texto oral.

Então, o recorte das relações de gênero adotado converge com a proposta teórica de um leitor cultural empreendida por Gomes (2011). Em suas reflexões, o autor vislumbra uma

perspectiva de leitura literária mais inclusiva e “politizada”, ao considerar os “elementos estéticos e culturais”, na medida em que o leitor é:

Aquele que analisa como a identidade das personagens foi representada esteticamente, levando em conta questões de gênero, de classe, de raça, ou de opção sexual. Metodologicamente, o leitor vai incluindo/excluindo posições de pertencimento identitário para chegar a um ponto de referência central do texto. Ele parte da análise do roteiro de opções estéticas para identificar a camada ideológica explorada pelo autor (GOMES, 2011, p. 6).

Dessa forma, o referencial teórico coaduna com a perspectiva de relações de gênero adotada como recorte para a construção de uma prática de leitura a ser realizada com um gênero das tradições orais femininas: o romance *Donzela Guerreira*, na medida em que inclui as contribuições dos estudos culturais e feministas.

Assim, a formação do leitor cultural ganha espaço, nessa perspectiva, porque pressupõe a análise identitária das personagens, através da representação estética, e, portanto, evidencia as relações de poder presentes no texto. Além disso, o leitor cultural será estimulado, principalmente, na produção do Caderno do(a) aluno(a) *Donzela Guerreira: em busca da tradição oral sergipana*, a partir do processo de “pertencimento identitário”, que pode ser construído entre os alunos e alunas com a temática ou com alguma das personagens, durante as práticas de leitura.

Na seção a seguir, será possível conhecer as etapas e a forma de organização das oficinas de leitura literária.

7 A PERFORMANCE

7.1 OFICINAS DE LEITURA LITERÁRIA ORAL POPULAR: ROMANCE

Para a intervenção que culmina na realização das oficinas, propomos diversas etapas para construção de uma proposta de leitura literária do gênero oral popular, recolhido do contexto da cultura sergipana. Assim, as oficinas foram organizadas a partir das etapas de planejamento a serem descritas.

Diante do fato de o romance ser um gênero ainda desconhecido pela maioria dos alunos, mas também diante da necessidade de divulgação dos textos pertencentes à literatura oral popular, optamos por desenvolver a proposta através de *Oficinas de leituras literárias*, a partir do conceito de leitura literária proposto por Rezende (2013). Tivemos em vista, dentre outros objetivos, possibilitar o (re)conhecimento dos elementos da literatura oral popular, familiarizar os alunos com a leitura literária dos romances, promover práticas de leitura subjetiva através das experiências estéticas que contribuam para a formação de leitores.

As oficinas foram organizadas de acordo com as propostas metodológicas de leitura literária, como forma de promover aos alunos experiências significativas com a literatura oral popular, conhecendo as suas particularidades, mas, sobretudo que eles pudessem (re)conhecer a riqueza e o encantamento da tradição oral sergipana, através do romance, tendo como produto a produção do *Caderno de Leitura Donzela Guerreira: em busca da tradição oral sergipana*.

Optamos por apresentar as oficinas em um formato reduzido, porém o Caderno contém as etapas completas. Além disso, as oficinas seguem as orientações de Cosson (2014), que recomenda apresentarmos o texto literário por etapas. Nesse rumo, trazemos uma síntese das etapas das oficinas.

7.2 ONDE ESTÁ A CULTURA ORAL POPULAR?

A primeira etapa, destinada à motivação, foi desenvolvida a partir da exibição do filme *O auto da Compadecida*, de Guel Arraes, inspirado na obra de Ariano Suassuna, a fim de promover um debate para identificação dos elementos da cultura popular. Com isso, iniciamos o debate sobre as particularidades dos elementos da cultura popular: a oralidade, os tipos populares: como o preguiçoso, o padre ganancioso, entre outros tipos próprios da tradição

luso-brasileira. Entre os temas retomados na produção cinematográfica foram mencionados os seguintes: o cordel, os causos, o cangaço, a seca, a religiosidade, dentre outros.

Além disso, a realização dessa etapa possibilitou aos alunos estabelecer diálogos e identificar semelhanças e aproximações com os elementos da cultura popular comuns à cultura sergipana. No processo de diálogo, a memória dos alunos é fundamental para a ampliação dos sentidos do texto, pois “[...] importa que seja legível, o diálogo entre o texto da obra e os textos dos leitores e que os alunos sejam capazes de argumentar a sua recepção” (ROUXEL, 2014, p. 28). Com esse propósito, conseguimos organizar as impressões e sensações dos alunos ao entrarem em contato com uma obra da tradição oral. No Quadro 2, expõem-se as etapas da Primeira Oficina.

Quadro 2 – Etapas da primeira oficina

<p>1º - Apresentar o filme “ O auto da Compadecida”, de Guel Arraes, inspirado na obra de Ariano Suassuna.</p> <p>Debate antes da exibição:</p> <ol style="list-style-type: none"> Perguntar se todos já conhecem o filme? Se sim, o que já sabe(m) sobre ele? Pelo título, sobre o que você acha que vai tratar o filme? Por quê? Que história você acha que será contada? Será um filme de terror, romance, comédia, suspense?
<p>2º - Promover um debate sobre o filme, a fim de promover o (re)conhecimento dos elementos da cultura popular representados na produção cinematográfica.</p> <p>Após a exibição:</p> <ol style="list-style-type: none"> Fazer um breve levantamento sobre o filme: “O auto da Compadecida”, sobretudo, esclarecer que o filme é uma adaptação de uma série inspirada na peça teatral de Ariano Suassuna, um dos principais autores que representa a cultura popular em suas obras; Perguntar aos alunos qual(is) elemento(s) da cultura popular foram utilizados ao longo do filme? Qual(is) elementos identificados você acredita que também representa a cultura sergipana? Por quê?

7.3 CONHECENDO O GÊNERO ROMANCE

Diante da análise da aplicação dos dados do *Questionário de Sondagem*, no qual foi possível constatar que a maioria dos estudantes tinha uma compreensão da literatura popular ainda muito limitado à noção de folclore, bem como o fato de muitos não conhecerem o gênero romance, fez-se necessário produzir um material para a apresentação do gênero em questão.

Tendo em vista a preferência dos estudantes por hipertextos, textos multimodais ou hipermídias, apostamos na produção de um material audiovisual para que a apresentação do gênero fosse realizada de forma atrativa e envolvente.

Assim, para conhecer melhor o gênero, optamos pela apresentação do vídeo *Nas trilhas do romance*. O referido vídeo foi produzido pela cordelista Anne Karolynne, que trabalha com a produção de vídeos sob encomenda. A exibição desse vídeo foi a forma encontrada de fazer uma apresentação do gênero de forma lúdica e prazerosa, a fim de aproximá-los do universo das tradições orais.

Na Figura 1, expõem-se algumas imagens do vídeo.

Figura 1 – Nas trilhas do romance



Fonte: Romance *Nas trilhas do romance*, de Anne Karolynne.

7.4 LITERATURA ORAL POPULAR E SUAS PARTICULARIDADES

A segunda etapa compreendeu a exploração a partir da leitura do romance *Donzela Guerreira*, na versão *Dão Varão*, buscando promover o (re)conhecimento das particularidades do texto oral popular, tendo em vista o fato de que muitos não conheciam o gênero romance oral popular.

Foi apresentado o texto selecionado como parte da cultura sergipana oral, sendo recolhido e publicado pelo folclorista Jackson da Silva Lima, em 1977, em *O folclore em Sergipe*.

Nessa etapa, foram apresentadas algumas particularidades que caracterizam os textos da oralidade, tais como a identificação da intérprete e/ou narradora que forneceu o texto, a forma como os romances são produzidos, ao se tratar de uma narrativa oral cantada em versos, dentre outras. Essa consolidou-se como uma etapa anterior à leitura.

Além disso, exploramos algumas questões que direcionaram para o debate acerca das relações de gênero, a partir da análise de alguns aspectos, a saber: personagens, temática, o conflito que desencadeia a narrativa, o desfecho etc.

Antes mesmo da apresentação da dramatização foram feitas algumas perguntas, a fim de ativar os conhecimentos prévios dos alunos acerca do que eles acreditavam ser o tema do romance *Donzela Guerreira*.

Na segunda etapa, foi apresentada uma dramatização do romance *Donzela guerreira*, realizada por um grupo de professoras da cidade de Ribeira do Pombal-BA, que faz apresentações de contações de história. Assim, foram apresentadas algumas condições de produção do romance, promovendo uma familiarização com o imaginário oral popular. A apresentação do romance através de uma dramatização justifica-se pelo fato de, apesar de o romance selecionado ser recolhido da oralidade e adaptado para a escrita, pensamos em apresentá-lo a partir de uma leitura poética oral, também através de uma performance.

Além disso, a dramatização do romance poderá garantir um dos elementos relacionados à ideia de leitura e performance que é justamente a teatralidade, conforme afirma Zumthor: “Tais comentários se aplicam à performance (e para além dela, à leitura). O espaço em que se inserem uma e outra é ao mesmo tempo lugar cênico e manifestação de uma intenção do autor” (ZUMTHOR, 2018, p. 39).

Assim, nesse segundo momento, optamos por apresentar o texto por meio de uma dramatização que privilegia a oralidade e a performance. No Quadro 3, expõem-se os detalhes da segunda oficina.

Quadro 3 – Etapas da Segunda Oficina

1 - Apresentação da obra <i>Donzela-guerreira</i> “ <i>Dão Varão</i> ” e da temática da donzela guerreira por meio de uma conversa com os participantes:	
2 - Dramatização do romance: “ <i>Donzela Guerreira</i> ”, realizado por professoras contadoras de história de Ribeira do Pombal- BA;	
Dão Varão (D. Maria dos Anjos- Malhador)	
- De sete filhas que eu tive, Não tive um filho varão, Agora, depois de velho Em guerra me acabarão.	- De sete filhas que eu tive, Não tive um filho varão, Agora, depois de velho Em guerra me acabarão.
- Não chore, papai, não chore Que eu sou seu filho varão, - Tem o cabelo muito grande Sua voz conhecerão:	- Não chore, papai, não chore Que eu sou seu filho varão, - Tem os ombros muito altos E a voz conhecerão:

- Dou garra de uma tesoura Meu cabelo cai no chão. (LIMA, 1977, p. 54-57)	Com o peso de uma espada Logo eles abaixarão.
3. – Análise da performance apresentada:	
a. Identificar as particularidades orais da apresentação: como entonação e musicalidade nas falas, comparando a performance da Dramatização com a forma como os cordelistas se apresentam;	
b. Analisar a fala da donzela e suas atitudes transgressoras contra o padrão feminino submisso; Questões sugeridas: Por que a filha decide ir à guerra? O pai concorda com a decisão da filha? Por quê? Quais foram as estratégias propostas pela mãe do filho do general para que conseguisse descobrir se Dão Varão era homem ou mulher? De que forma ocorre o desfecho da narrativa? Quem decide pela realização do casamento?	

7.5 LITERATURA ORAL POPULAR: DIÁLOGOS

A terceira oficina apresentou uma proposta de diálogo entre o romance *Donzela-guerreira*, na versão *Dão Varão* com o conto *Entre a espada e a rosa*, de Marina Colasanti (1992). Preparamos uma análise comparativa entre esses textos, estabelecendo relações de diferenças e semelhanças, no que se refere aos seguintes aspectos: temática e a forma como a personagem da donzela guerreira é construída. Tanto o imaginário literário, como do audiovisual foram explorados antes da leitura do conto. Assim, a recepção “[...] é um momento privilegiado na formação do leitor. De acordo com a sua intensidade, ela marca duravelmente a história do leitor, a sua memória, os seus valores, a sua personalidade” (ROUXEL, 2014, p. 22).

No segundo momento, passamos a identificar as diferenças do texto escrito e da narrativa oral, ressaltando o quanto o imaginário da Donzela Guerreira faz parte das histórias infanto-juvenis e da tradição local. No Quadro 4, são expostas as etapas.

Quadro 4 – Etapas da Terceira Oficina

1 - Leitura do conto “Entre a espada e a rosa, de Marina Colasanti e comentários sobre as primeiras impressões do leitor/a e seus conhecimentos prévios (entregar cópias impressas aos participantes); [...] Salva a filha, perdia-se porém a aliança do pai. Que tomado de horror e fúria diante da jovem barbada, e alegando a vergonha que cairia sobre seu reino diante de tal estranheza, ordenou-lhe abandonar o palácio imediatamente. Então, sem mais nada pedir, a Princesa vendeu suas jóias para um armeiro, em troca de uma couraça, uma espada e um elmo. E, tirando do dedo o anel que havia sido de sua mãe, vendeu-o para um mercador, em
--

<p>troca de um cavalo. Agora, debaixo da couraça, ninguém veria seu corpo, debaixo do elmo, ninguém veria sua barba. Montada a cavalo, espada em punho, não seria mais homem, nem mulher. Seria guerreiro. [...] COLASANTI, Marina. Disponível em: https://www.marinacolasanti.com/2014/01/entre-espada-e-rosa.html.</p>
<p>2 – Processo de leitura das transgressões da Donzela:</p> <ol style="list-style-type: none"> Qual fato impediu que a princesa do conto fosse obrigada a casar-se com o pretendente escolhido por seu pai ? Por que a princesa foi expulsa do castelo por seu pai? Quais foram as dificuldades enfrentadas pela princesa, ao deixar o castelo? Qual foi a iniciativa da princesa para superar as dificuldades?
<p>3. – Comparação entre as personagens protagonistas dos dois textos e sua trajetória até o desfecho no <i>romance</i>: “A donzela-guerreira Dão Varão”, narrado por Dona Maria dos Anjos, colhida em 1974, e o conto: “Entre a espada e a rosa”, de Marina Colasanti, dando destaque para:</p> <ol style="list-style-type: none"> Como a temática da donzela guerreira é construída a partir dos valores sociais nas duas obras como são vistas pelos personagens das duas narrativas; Quanto à questão da identidade feminina, quais as marcas físicas das duas protagonistas e seus comportamentos diante dos desafios que enfrentam. Sugere-se a Identificação das semelhanças e diferenças da forma como se comportam socialmente, comentando as características da mulher guerreira e como ela pode ser encontrada nas profissões de hoje.
<p>2. – Gravação do Podcast</p> <ol style="list-style-type: none"> Produção do roteiro adaptado livre do romance Donzela Guerreira (texto de uma página); Gravação dos áudios feito em grupo, utilizando os celulares dos alunos(as); Edição do áudio, inclusão de abertura e música e diminuição dos ruídos; Divulgação nas redes sociais das narrativas orais dos alunos.

As três oficinas tencionaram promover o diálogo entre a tradição oral e a cultura atual, por isso é muito importante a contextualização dos temas lidos de forma atualizada. Nesse sentido, tanto os aspectos da oralidade, como a temática e a autoria feminina são importantes para os debates e reflexões sobre profissões e direitos da mulher. Além disso, propusemos a divulgação de *Podcast* com pequenos trechos das narrativas orais. Após a produção desses áudios, os produtos irão ser compartilhados em rede sociais e divulgados nas atividades pedagógicas da escola.

Na seção a seguir, serão apresentados as análises dos dados e o produto referentes à pesquisa.

8 ANÁLISE DOS DADOS

A partir daqui, expõe-se aquilo que se pretende com a coleta de dados, interrompida em face da emergência sanitária instaurada no mundo pela COVID-19. A coleta será realizada ao longo das diferentes etapas apresentadas:

1. análise do questionário de sondagem a respeito dos conhecimentos sobre os textos literários a ser respondido pelos alunos, a fim de promover um “canal de escuta”, bem como possibilitar refletir sobre as expectativas dos estudantes quanto ao ensino de literatura.

2. Diários de leitura: compreenderá a concretização de uma proposta de escrita livre dos alunos, em que não seja apresentado qualquer modelo. Os relatos dos alunos serão produzidos a fim de registrar as suas reações, sensações, emoções afetivas suscitadas, ou não, a partir das leituras literárias propostas. “Lugar de balanço, mas também de ensaio, as anotações pessoais apresentam igualmente, através de uma escrita literária, os contornos, de um universo literário singular.[...] A literatura é de certa forma uma experiência do dizer” (ROUXEL, 2013, p. 174-186).

8.1 PRODUTO

O produto resultante do projeto de intervenção foi o Caderno de Leitura do(a) aluno(a) *Donzela Guerreira: em busca da tradição oral sergipana*, que poderá se constituir enquanto uma alternativa para o desenvolvimento de práticas de leituras voltadas para o trabalho com a oralidade, construído com o intuito de contribuir com a proposta de leitura capaz de promover a valorização e a apreciação estética de um gênero de tradição oral, como forma de ampliação do cânone escolar, uma prática que visa propor o diverso na literatura, como afirma Rouxel (2013).

Assim, a construção do Caderno *Donzela Guerreira: em busca da tradição oral sergipana* propõe oportunizar às suas leitoras e aos seus leitores, um (re)conhecimento e inclusão da tradição oral sergipana no ensino de literatura, bem como a valorização da oralidade enquanto prática de leitura, através da proposta de leitura literária do romance *Donzela Guerreira*.

Dessa forma, embora, o Caderno seja destinado às alunas e aos alunos, verificamos a necessidade de produzir um pequeno manual com as orientações aos professores, visando otimizar a utilização do *Caderno de Leitura* enquanto material pedagógico. Este material contém as orientações destinadas aos professores em cada capítulo do Caderno e apresenta sugestões de abordagens das práticas de leitura apresentadas, apresentado como anexo deste trabalho.

Seguimos, dessa forma, para apresentar as considerações finais acerca da proposta de leitura do romance *Donzela Guerreira*.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormos a realização de *Oficinas de leitura* a partir do gênero oral e popular romance, buscamos divulgar a literatura oral e sua riqueza, promovendo uma prática de leitura literária (ROUXEL, 2013; COSSON, 2014), que promovem os conhecimentos prévios do leitor, sem deixar de lado as marcas de gênero (SANTOS, 2005; GOMES, 2011). A importância do lugar de fala da mulher nas produções orais é reconhecido ao ser apresentada a visão das mulheres da história, visto que os dois textos *A Donzela Guerreira Dão Varão*, narrado por Dona Maria dos Anjos, e o conto *Entre a espada e a rosa*, de Marina Colasanti (1992), trazem marcas da autoria feminina.

Diante dessa significativa relação entre os romances e o universo feminino – condições de produção, temáticas, personagens femininas –, acreditamos que as relações de gênero fomentem uma prática de leitura literária capaz de contribuir para a formação dos sujeitos atentos às especificidades da narrativa orais. Assim, o Caderno do(a) aluno(a) *Donzela Guerreira: em busca uma tradição oral sergipana* foi produzido com o intuito de consolidar a presente proposta de promover a valorização e a apreciação estética de gênero da literatura oral, como forma de ampliação do cânone. A inclusão das narrativas, portanto, amplia e expande o conceito de literatura. Além disso, a leitura de produções como essa são capazes de suscitar uma rede de relações intertextuais, que promovem a curiosidade de leitor de conhecer outras narrativas de *Donzelas Guerreiras* e/ou relatar suas memórias literárias sobre essa personagem em outros gêneros como HQ, desenhos, filmes, seriados.

Dessa forma, promovemos atividades prazerosas com o texto literário e convidamos os alunos/as a compartilhar suas recordações. Assim, ativamos a memória individual ao retomarmos a leitura de obras da tradição oral, por estarem mais próximas das memórias coletivas. Portanto, ao divulgar textos da literatura oral popular, pensamos em dinamizar a performance de leitura e resgatar o papel dos contadores de histórias por meio da divulgação de *podcast* com pequenos trechos lidos pelos alunos e divulgados em suas redes sociais.

REFERÊNCIAS

- ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. Literatura oral e popular. **Boitató**, Londrina, p. 110-116, ago./ dez. 2008. Número especial.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1984.
- COLASANTI, Marina. **Entre a espada e a rosa**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1992.
- COLOMBRES, Adolfo. **La literatura oral y popular de nuestra América**. Quito: Instituto Iberoamericano del Patrimonio Natural y Cultural, 2006. 216 p.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução Cleonice Mourão; Consuelo Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FINNEGAN, Ruth. O significado da literatura em culturas orais. *In*: QUEIROZ, Sônia (org.). **A tradição oral**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006. p. 66-104.
- GOMES, Carlos Magno. O lugar do leitor cultural. **Pontos de interrogação**, Alagoínhas, v. 1, n. 1, p. 9-23. 2011.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução Johannes Kreschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.
- JAUSS, Hans Robert *et al.* **O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis**. Tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.
- LANGLADE, Gèrard. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. *In*: REZENDE, Neide Luzia; ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gèrard (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 25-38.
- LEFFA, Vilson José. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.
- LEMAIRE, Ria. As cantigas que a gente canta, os amores que a gente quer: o papel da mulher na passagem da tradição oral à escrita. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL - GT A mulher na literatura, 4., jul. 1989, Belo Horizonte. **Anais [...]**. São Paulo, [S.l.], 1990. p. 13-33.
- LIMA, Jackson da Silva. **O Folclore em Sergipe I: romanceiro**. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1977.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2010.

NEGREIROS, Anne Karolynne Santos de. Nas trilhas do romance: uma tradição oral feminina. [S.l.: s.n.], 19 set. 2020. 1 vídeo (2 min 29s). Ilustração Sócrates Gonçalves. Publicado pelo canal Cordel personalizado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZNVdi5s_S4k&feature=youtu.be. Acesso em: 19 set. 2020.

O AUTO da compadecida. Direção e produção de Guel Arraes. [S. l.]: Globo Filmes; Lereby Produções, 2000. 1 fita de vídeo (104 min), VHS, son., color.

REZENDE, Neide Luzia. Apresentação ao leitor brasileiro. *In*: REZENDE, Neide Luzia; ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 7-18.

REZENDE, Neide Luzia; ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

ROMERO, Sílvio. **Folclore brasileiro: contos populares do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2009.

ROUXEL, Annie. Ensino da literatura: experiência estética e formação do leitor. *In*: ALVES, José Hélder Pinheiro (org.). **Memórias da Borborema 4: discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: Abralic, 2014. p. 19-36.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard. Apresentação dos organizadores franceses. *In*: REZENDE, Neide Luzia; ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 19-24.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard. O advento dos leitores reais. *In*: REZENDE, Neide Luzia; ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard (org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 191-208.

SANTIAGO, Silviano. Singular e anônimo. *In*: _____. **Nas malhas da letra: ensaios**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTOS, Alvanita Almeida. **Os cantos das mulheres – entre bailar e trabalhar: relações de gênero em narrativas orais (romances)**. 2005. 212 f. Tese (Doutorado em Letras)– Setor de Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SANTOS, Alvanita Almeida. A autoria feminina nas poéticas orais: tensões e (re)existências. *In*: GOMES, Carlos Magno; RAMALHO, Christina Bielinski; CARDOSO, Ana Maria Leal. (org.). **Escritas da resistência: intersecções feministas da literatura**. Aracaju: Criação Editora, 2019, v. 1, p. 19-30.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

TRINDADE, Antônio Marcos dos Santos. **O lamento das Severinas**: relações de gênero no Romancero Sergipano. 2015. 201 f. Dissertação (Mestrado em Letras)– Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

_____. Reflexões sobre o travestismo da donzela-guerreira. *In*: Carlos Magno Gomes (org.). **Crítica cultural e estudos literários**. São Cristóvão: Editora UFS, 2016.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução Jerusa Pires Ferreira; Suely Fenerich. São Paulo: Ubu, 2018.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo**: entrevistas e ensaios. Tradução Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução Jerusa Pires Ferreira *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CAPA- “DONZELA GUERREIRA: EM BUSCA DA TRADIÇÃO ORAL SERGIPANA

Professor(a),

Faça uma breve apresentação do material pedagógico: informe à turma que o Caderno “Donzela Guerreira: Em busca da tradição oral sergipana” é resultado de uma pesquisa de mestrado profissional PROFLETRAS, bem como mencione o título e autora do trabalho.

Você poderá começar explorando as relações de sentido presentes entre o título e as imagens presentes na capa. Pergunte a eles(as) o que a imagem representa? Há semelhança(s) entre os dois elementos. Qual(is)? É possível afirmar que há um diálogo entre o título e a imagem representada? Por quê?, etc.

APÊNDICE B – PÁGINA 2

Professor(a),

Você poderá começar explorando a leitura de imagens. Pergunte se eles(as) sabem quem é a mulher da imagem, ou quem eles(as) imaginam que seja. Peça aos alunos e alunas que eles procurem observar os elementos da imagem, tais como:

- ✚ Pela expressão facial da mulher, como você a definiria?
- ✚ Como ela está vestida?
- ✚ Como são os cabelos?
- ✚ O que ela segura nas mãos?
- ✚ Há algum outro elemento atrás da mulher? Qual? Esse elemento pode nos dar alguma informação referente ao tempo e/ou espaço ao qual a imagem mulher pode estar relacionada? Se sim, qual(is)?
- ✚ Dessa forma, os conhecimentos prévios das alunas e dos alunos acerca da imagem poderão ser retomados em outros capítulos do caderno.
- ✚ Após ativar os conhecimentos prévios dos alunos(as) e fazer a leitura em voz alta da citação da página, informe que a mulher representada é Joana D’Arc e que eles(as) terão a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre sua história ao longo das leituras do Caderno.

É importante realizar a leitura da citação selecionada em voz alta para os(as) alunos(as), a fim de que eles(as) comecem a “descortinar” o romance *Donzela Guerreira*. É interessante apresentar a autora da citação como uma das pesquisadoras dos romances e o título do seu trabalho sobre o romance. Você também poderá informar que a citação também foi utilizada ali como uma forma de aproximá-los(as) da temática que compõem o Caderno. Dessa forma, embora sejam mencionadas algumas referências que podem ser desconhecidas, tais como: “alta literatura”, “*Diadorim em Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa”, “Joana D’Arc” e “*Maria Quitéria*”, ao trazer algumas breves explicações sobre elas, o(a) professor(a) poderá instigar a curiosidade dos(as) estudantes sobre o tema, inclusive, já anunciar que eles(as) terão a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre essas referências, a personagem e a obra (*Diadorim/ Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa) e sobre Joana D’Arc e *Maria Quitéria*.

APÊNDICE C – APRESENTAÇÃO (P. 4)

Professor(a),

Será preciso realizar a leitura em voz alta da apresentação para que os(as) alunos(as), possam compreender alguns dos objetivos que a produção do Caderno “Donzela Guerreira: Em busca da tradição oral sergipana” pretende alcançar. Após a leitura, acredita-se que seja possível tornar a apresentação ainda mais significativa com algumas explicações e comentários feitos por você professor(a)!

A seguir, temos algumas sugestões para esse momento:

- ✚ Procure ressaltar a importância da literatura oral popular enquanto produção literária. É preciso, desde já, apresentar o gênero enquanto literatura, até como uma forma de desconstruir possíveis visões equivocadas que costumam relacionar a literatura popular a algo fantasioso, ilusório, que não teria credibilidade;
- ✚ Nesse momento, pode-se apresentar o contexto de produção do romance Donzela Guerreira, descrevendo as etapas percorridas pelo texto oral até chegar à produção do Caderno “Donzela Guerreira: Em busca da tradição oral sergipana”. A descrição das referidas etapas pode se constituir em uma experiência rica e envolvente para os(as) alunos(as), nesse momento inicial, evidenciando previamente algumas das particularidades que compõe o texto oral.
- ✚ Caso seja possível ou do interesse do(a) professor(a), o livro: “O folclore em Sergipe”, de Jackson da Silva Lima é uma sugestão de leitura. Você poderá levá-lo para a sala de aula para que os(as) alunos(as) tenham a oportunidade de conhecer a obra, da qual o romance Donzela Guerreira foi selecionado. Esta aquisição poderá auxiliá-lo(a) não só ao longo do desenvolvimento do Caderno, mas é apresentado aqui como mais uma referência para compor seu acervo literário pessoal, fonte de pesquisa, etc. Entretanto, faz-se necessário esclarecer que a obra se configura apenas como uma sugestão de leitura. Caso não seja possível, o(a) professor(a) poderá fazer uma breve apresentação da obra, utilizando projeções no *datashow*, sem quaisquer prejuízos para a realização do trabalho.
- ✚ O(A) professor(a) poderá enfatizar ainda mais as informações relacionadas à forma com que o Caderno foi organizado, a fim de que as alunas e os alunos possam criar expectativas quanto às leituras que serão realizadas. Neste momento será importante

apresentar o material de forma envolvente, a fim de aguçar a curiosidade e o interesse pelas leituras.

- ✚ Neste momento, é muito importante que a professora e/ou o professor evidencie que o gênero romance está relacionado ao universo feminino por conta de algumas particularidades que serão conhecidas ao longo das propostas de leituras contempladas no Caderno.

OBS: Professor(a), você poderá fazer modificações, de acordo com os seus objetivos e as necessidades da turma. As sugestões aqui apresentadas podem ser reformuladas, a partir da sua realidade e dos objetivos de aprendizagem que pretende alcançar.

APÊNDICE D – SUMÁRIO

Professor(a),

Solicite que as alunas e alunos leiam o sumário para que possam verificar quais leituras serão realizadas no Caderno. Ao longo, da leitura, o(a) professor(a) já poderá perguntar se alguém conhece os textos e as mulheres contempladas no Caderno “Donzela Guerreira: Em busca da tradição oral sergipana”, qual(is)? Assim, é importante que, caso alguém o(s) a(s) conheça(m), compartilhe com a turma tais informações, a fim de socializá-las.

APÊNDICE E – 2. O ENCANTAMENTO DO CONTAR

Professor(a),

Nessa proposta de leitura, é necessário anunciar que o conto sobre o qual farão a leitura foi selecionado do livro: *Contos das mil e uma noites*: “O sultão e Sherazade”. Você poderá fazer uma breve apresentação da obra para os alunos(as).

Além disso, é preciso fazer algumas perguntas para ativar os conhecimentos prévios dos(as) alunos(as), a fim de saber se todos(as) já conhecem o livro e/ou o conto, quando realizaram essa leitura? Gostaram ou não? Por quê?

Caso a maioria afirme não conhecer o livro, você poderá perguntar se eles (as) conhecem a história de Aladin e Sherazade. É provável que a maioria conheça por conta dos desenhos animados. Nesse momento, você poderá informar que essa história é um dos contos que estão presentes na obra. Pode ser uma estratégia para que eles se interessem ainda mais pela leitura do livro *Contos das mil e uma noites*.

Também é muito importante evidenciar que a contação de histórias, as narrativas, portanto, a oralidade é muito valorizada pela cultura árabe. Como os árabes tinham um verdadeiro fascínio pelas histórias fantasiosas, a literatura oral alcançou grande desenvolvimento entre os povos muçumanos e o vídeo: “O sultão e Sherazade”, ao qual eles (as) assistirão, também comprova a riqueza e a valorização das narrativas orais para o mundo árabe.

APÊNDICE F – 3. O QUE É ROMANCE?

Professor(a),

Nessa etapa, você poderá ativar os conhecimentos prévios dos(as) alunos(as), a fim de diagnosticar se alguém já conhece o gênero romance. Caso algum(a) aluno(a) o conheça, será uma oportunidade de verificar o que já sabem sobre ele, antes da realização da pesquisa. Esse momento pode ser desenvolvido pela própria seção: “Para início de conversa”.

OBS: Em alguns capítulos do caderno, as orientações destinadas a você professor(a) já estão contempladas e poderão ser exploradas na seção intitulada: “Para início de conversa”.

APÊNDICE G – 4. EM BUSCA DO ROMANCE

Professor(a),

- ✚ Será preciso instigar os(as) alunos(as) com as perguntas da seção: “Para início de conversa”, tais como: “Sabem como os romances são produzidos?”, “Quais são os seus temas?”. Acolha as respostas deles(as) com seus comentários.
- ✚ Em seguida, faz-se necessário esclarecer para os(as) alunos(as) que o vídeo: “Nas trilhas do romance” foi produzido justamente com o objetivo de apresentá-los(las) ao gênero romance de forma lúdica e atrativa, através do material audiovisual.
- ✚ Promova um pequeno debate para que os(as) estudantes possam compartilhar as experiências, impressões, sensações, que tiveram ao assistir ao vídeo: “Nas trilhas do romance”, antes da realização das atividades propostas no caderno.

APÊNDICE H – 5. LEITURA DOS ROMANCES *DONA INFANTA* E *DELGADINHA*

Professor(a),

- ✚ É importante esclarecer aos alunos(as) que neste capítulo eles(as) terão o primeiro contato com o gênero, através das leituras de dois desses romances da literatura oral sergipana: “Dona Infanta” e “Delgadinha”. Neste momento, faz-se necessário retomar algumas das definições e imagens apresentadas no vídeo: “Nas trilhas do romance”, para que eles consigam observá-las e identificá-las nos referidos romances.
- ✚ Você poderá começar explorando a leitura de imagens. Pergunte a eles(as):
- ✚ O que conseguem observar nas imagens 1 e 2? Quais elementos são utilizados para compor cada imagem? O que tais elementos representam?
- ✚ Procure relacionar os títulos dos romances às imagens.
- ✚ Após relacionar cada título à imagem correspondente, procure estabelecer diálogos entre os elementos que as compõem com os possíveis assuntos a serem tratados nos romances, tais como: Com base no título e imagem, qual será o assunto abordado no romance, na sua opinião?
- ✚ As orientações destinadas ao(à) professor(a) para essa etapa estão contempladas nas seções “Para início de conversa” e “Antes da leitura”. Dessa forma, sugere-se que o professor, faça a leitura prévia das referidas seções.
- ✚ Mais uma vez, nesse momento, o(a) professor poderá apresentar o livro: “O folclore em Sergipe” para a turma, a fim de que eles possam conhecer a obra, da qual os romances foram selecionados. Além disso, será possível ver as imagens das narradoras e/ou intérpretes que produziram os romances que serão lidos pela turma, bem como fazer uma breve apresentação do seu autor. Levar a obra para sala de aula é apenas uma sugestão. Caso não seja possível, as projeções do livro poderão ser utilizadas.

APÊNDICE I – 6. SENSIBILIZAÇÃO TEMÁTICA: DONZELA GUERREIRA

Professor(a),

Nesta etapa destinada à sensibilização da temática: “Donzela Guerreira” pode ser iniciada com a exploração das imagens apresentadas no caderno. Dessa forma, segue algumas perguntas que podem ser usadas durante essa proposta de leitura de imagem:

- ✚ O que há em destaque em todas as imagens, na sua opinião?
- ✚ Pelas imagens é possível identificar as funções desempenhadas pelas mulheres? Identifique-as.
- ✚ Você conhece a mulher representada na quinta imagem? Quem ela é? O que sabe sobre ela?
- ✚ Como a primeira imagem pode ser desconhecida pelos(as) estudantes, será preciso explorar os elementos representados na imagem. Depois, você poderá fazer uma breve apresentação do mito das Amazonas.

Em seguida, você poderá informar que o texto escolhido para realizar a sensibilização acerca da temática da Donzela Guerreira, além da leitura de imagens, já realizada, é a leitura do cordel: “Lugar de mulher”, da cordelista sergipana Izabel Nascimento. Portanto, faz-se necessário fazer uma breve apresentação da autora e de algumas de suas obras. Este momento poderá fazê-los(as) conhecer um pouco mais sobre a produção de uma cordelista do seu estado, o que pode criar maior aproximação e despertar ainda mais a curiosidade dos(as) alunos(as) por suas obras.

Além disso, também será uma oportunidade de apresentar o livro: “Sementes de Girassóis” para a turma e esclarecer que esta obra reúne alguns dos cordéis de Izabel produzidos também nas redes sociais e falar um pouco da sua atuação nesse meio virtual.

Após essas etapas, você professor(a) poderá fazer a leitura do cordel em voz alta para a turma e promover um pequeno debate, antes da realização da atividade proposta no caderno.

APÊNDICE J – 7. A DONZELA GUERREIRA NA HISTÓRIA

Professor(a),

Neste capítulo, você também poderá realizar uma leitura de imagens semelhante à proposta da citação da página 2. Sugiro rever a proposta de leitura de imagens da página 2.

- ✚ É importante que você ative os conhecimentos prévios a partir do título da seção para saber se eles(as) conhecem alguma mulher da história mundial e/ ou brasileira que lutou para defender seu país, seu povo? Qual(is)?
- ✚ Será preciso fazer a leitura em voz alta da citação para a turma, para que os(as) estudantes possam compreender que o tema do romance *Donzela Guerreira* está presente em várias produções, e que neste capítulo, a turma conhecerá a história de duas donzelas guerreiras das historiografias francesa (através de Joana D’Arc) e brasileira (através da baiana Maria Quitéria), mais especificamente.
- ✚ Para continuar ativando os conhecimentos dos alunos, antes da leitura dos textos sobre Joana D’ Arc e Maria Quitéria, basta seguir as orientações das seções: “Para início de conversa”. Em seguida, fazer a leitura em voz alta e um pequeno debate, antes da realização das atividades propostas.

APÊNDICE K – 8. A DONZELA GUERREIRA NA LITERATURA

Professor(a),

Você pode seguir as orientações da seção: “Para início de conversa”, previamente.

APÊNDICE L – 9. A DONZELA GUERREIRA NO CINEMA

Professor(a),

Faz-se necessário fazer as leituras das imagens apresentadas nesta seção e realizar um pequeno debate sobre os filmes apresentados no caderno, para que a turma reconheça as produções cinematográficas que tratam do tema Donzela Guerreira. Para isso, converse com a turma para saber a qual(is) desses filmes eles(as) já assistiram? Se eles(as) conhecem a história?

É importante também, além de realizar a leitura das imagens das capas dos filmes, perguntar o que há de semelhante entre as produções representadas? O que há em comum entre as mulheres representadas nos filmes?

Pergunte aos alunos e alunas se eles conhecem outros filmes que também poderiam ser representados neste capítulo. Qual(is)?

Dentre os filmes representados, existe algum filme biográfico? Qual(is)?

Neste capítulo, é importante que seja realizada a leitura de imagens, seguida de um pequeno debate, a fim de que a turma perceba que a Donzela Guerreira também está presente na História oficial, através de Joana D’Arc, Maria Quitéria.

APÊNDICE M – 10. DONZELA GUERREIRA E O MITO DAS AMAZONAS

Professor(a),

- ✚ Será preciso evidenciar, de forma prévia, a relação entre a Donzela Guerreira, o Mito das Amazonas e as Guerreiras Icamiabas. Para que tais relações possam ser melhor compreendidas e contextualizadas, será exibido o vídeo: “Mulher Maravilha, Amazonas e guerreiras Icamiabas”.
- ✚ Dessa forma, após a exibição, faz-se necessário realizar um pequeno debate sobre o vídeo, a fim de que todos(as) possam compartilhar as informações e leituras realizadas, a partir do material audiovisual.

APÊNDICE N – 11. AS ÍNDIAS GUERREIRAS: YKAMIABAS

Professor(a),

- ✚ Para continuar ativando os conhecimentos dos alunos, antes da leitura do texto, você poderá retomar algumas informações sobre as Guerreiras Ikamiabas apresentadas no vídeo: “Mulher Maravilha, Amazonas e guerreiras Icamiabas”, bem como na atividade referente à exibição.
- ✚ Além disso, as orientações destinadas ao(à) professor(a) acerca do capítulo: “As índias guerreiras: Ycamiabas” estão contempladas na seção: “Para início de conversa”. Em seguida, faça a leitura em voz alta do texto sobre o tema para a turma, buscando mencionar elementos exibidos no vídeo sobre essa guerreiras que estão presentes no texto.
- ✚ Realize um pequeno debate estabelecendo diálogos entre os elementos representados no vídeo com os do texto.

APÊNDICE O – 12. DONZELA GUERREIRA NA CULTURA AFRICANA

Professor(a),

Assim como em outros capítulos, neste também é possível iniciar com uma leitura de imagens. Pergunte a eles(as) o que acham que a imagem representa?

Quais são os elementos que a compõem? O que a figura feminina tem nas mãos? Descreva a figura feminina representada na imagem, a partir dos elementos observados. Há alguma semelhança entre essa imagem e outras imagens apresentadas em outros capítulos? Se sim, qual(is)? O texto e a imagem se complementam? Por quê?

Em seguida, faça uma breve apresentação acerca da representação das divindades na cultura africana, ressaltando que assim como na cultura árabe, a oralidade é considerada muito importante para os povos africanos, antes mesmo de iniciar a leitura do texto: “Quem é Obá?”.

APÊNDICE P – 13. DONZELA GUERREIRA NA LITERATURA ORAL SERGIPANA

Professor(a),

Informe aos (às) alunos(as) que neste capítulo será realizada a leitura do romance que inspirou a produção do Caderno: Vamos fazer a leitura do romance *Donzela Guerreira*!

- ✚ Para continuar ativando os conhecimentos dos alunos, antes da leitura do texto, basta seguir as orientações das seções: “Para início de conversa” e “Dona Maria dos Anjos – Narradora e autora”. Neste momento, é preciso dar destaque ao fato de que o romance *Donzela Guerreira* é um dos gêneros da literatura oral sergipana e é considerado pertencente ao universo feminino: por suas personagens, temas, contextos de produção, entre outros. Em seguida, faça a leitura em voz alta e realize um pequeno debate, antes de responder às atividades propostas.
- ✚ Ao logo da leitura da seção: “Dona Maria dos Anjos – Narradora e autora”, você poderá enfatizar que a leitura do texto será realizada através de uma dramatização, o que revela o desejo em propor uma valorização da oralidade, através dessa forma de contação de história.
- ✚ Você poderá apresentar o resumo do romance de uma forma envolvente para que a turma sinta curiosidade em assistir à apresentação. Além disso, será preciso apresentar o grupo de professoras que encenará a dramatização.

APÊNDICE Q – 14. TRADIÇÕES ORAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO: DIÁLOGOS

Professor(a),

- ✚ Para continuar ativando os conhecimentos prévios dos(as) alunos(as), antes da leitura do texto, basta seguir as orientações da seção: “Para início de conversa”. Em seguida, faça a leitura em voz alta e promova um pequeno debate, antes da realização das atividades propostas.

APÊNDICE R – 15. RELEITURA DO ROMANCE DONZELA GUERREIRA

Professor(a),

- ✚ Para continuar ativando os conhecimentos prévios dos(as) alunos(as), basta seguir as orientações da seção: “Para início de conversa”. Em seguida, faça a leitura em voz alta e promova um pequeno debate, antes da realização das atividades propostas. Além disso, esclareça as dúvidas quanto à proposta de releitura, a ser realizada através do Podcast.

APÊNDICE S – 16. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Professor(a),

Após a leitura das considerações finais, você poderá promover um pequeno debate para que os(as) estudantes compartilhem os conhecimentos e as leituras realizadas ao longo do projeto, bem como socializem as suas impressões e de que forma o avaliam.

Neste momento, é importante agradecer a participação e contribuição de todos(as) ao longo do desenvolvimento do trabalho.

Muito obrigada por sua contribuição!!!

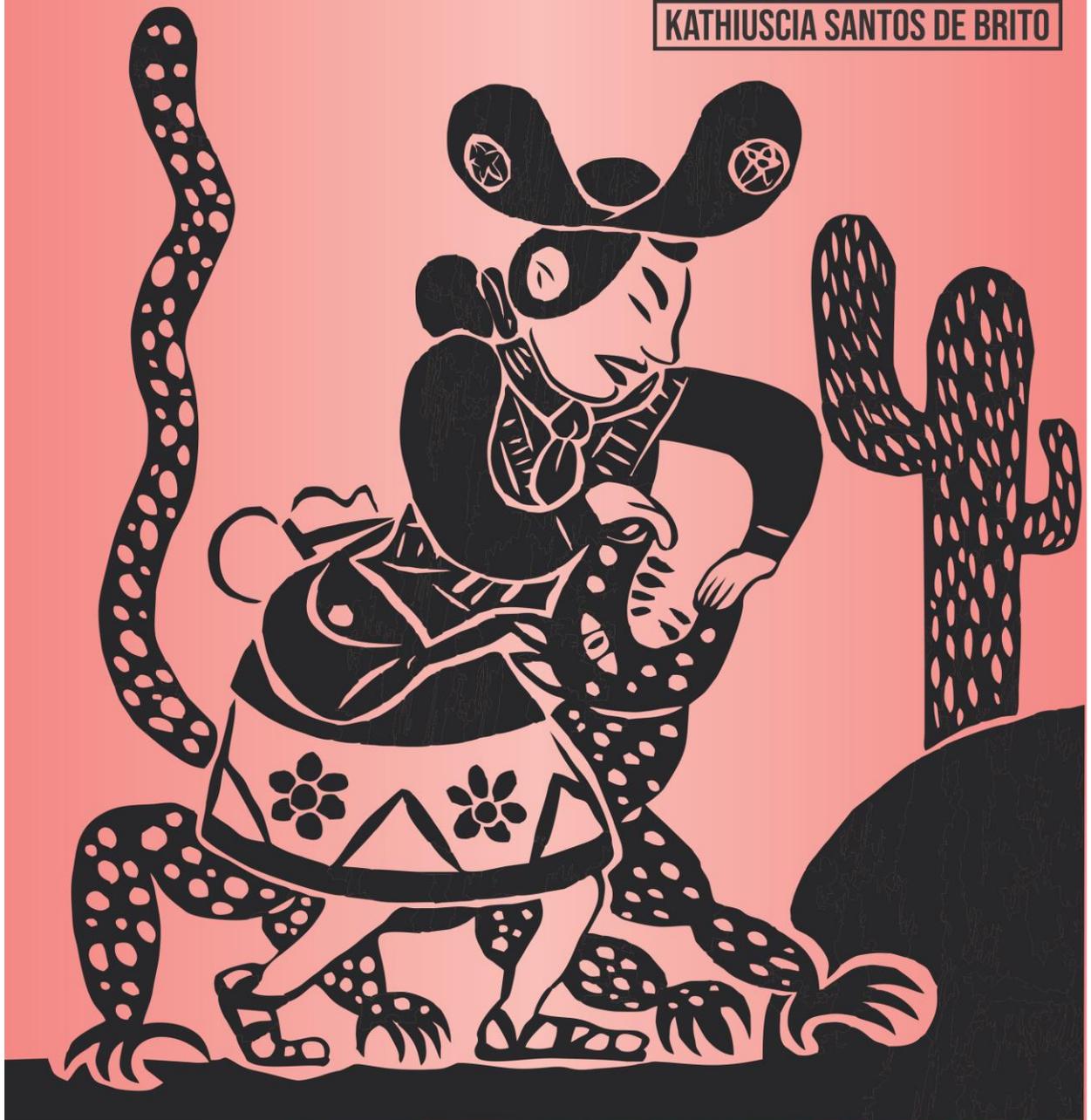
APÊNDICE T – CADERNO DE LEITURA DO(A) ALUNO(A)



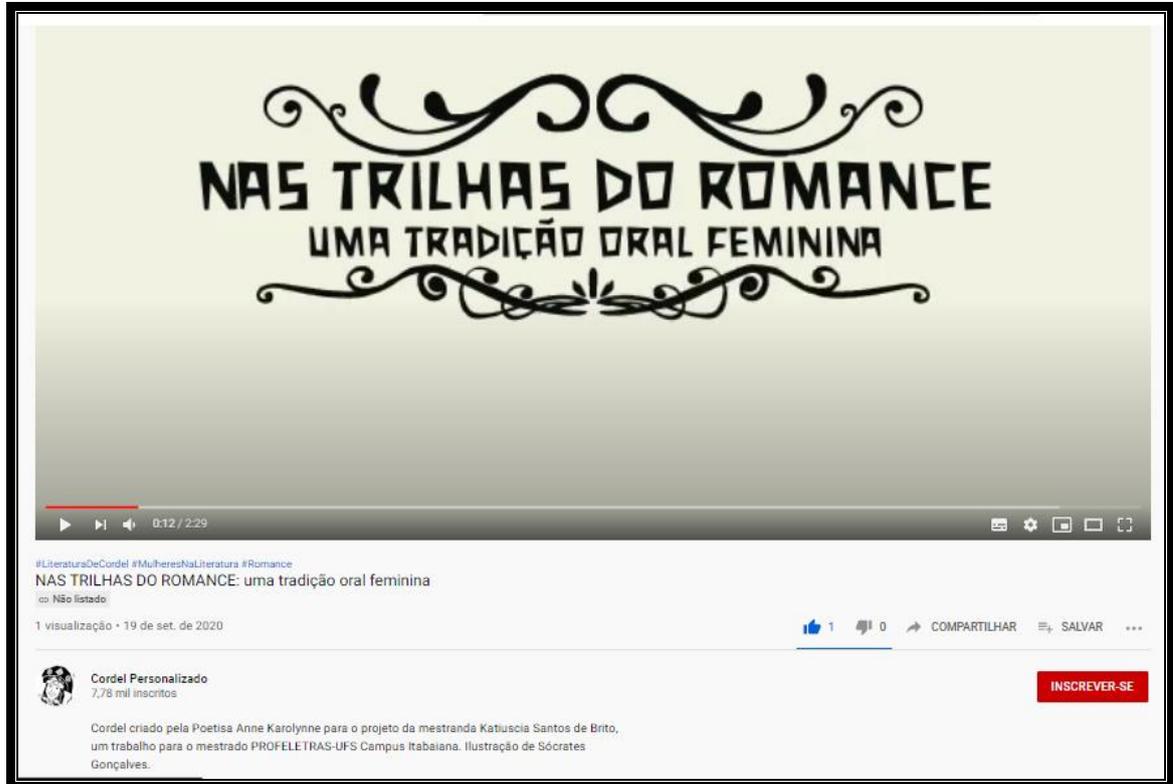
DONZELA GUERREIRA:

Em Busca Da Tradição Oral Sergipana

KATHIUSCIA SANTOS DE BRITO



APÊNDICE U - NAS TRILHAS DO ROMANCE (INTRODUÇÃO DO VÍDEO)



The image shows a YouTube video player interface. The video title is "NAS TRILHAS DO ROMANCE: uma tradição oral feminina". The video player shows a progress bar at 0:12 / 2:29. The video content area displays the title "NAS TRILHAS DO ROMANCE" in a large, bold, black font, with "UMA TRADIÇÃO ORAL FEMININA" below it in a smaller, bold, black font. The text is framed by decorative black flourishes. Below the video player, the video description is visible, including the channel name "Cordel Personalizado" and a red "INSCREVER-SE" button.

#LiteraturaDeCordel #MulheresNaLiteratura #Romance
NAS TRILHAS DO ROMANCE: uma tradição oral feminina
Não listado

1 visualização · 19 de set. de 2020

1 0 COMPARTILHAR SALVAR ...

Cordel Personalizado
7,78 mil inscritos

INSCREVER-SE

Cordel criado pela Poetisa Anne Karolynne para o projeto da mestranda Katiuscia Santos de Brito, um trabalho para o mestrado PROFELETRAS-UFS Campus Itabaiana. Ilustração de Sócrates Gonçalves.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
 CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
 Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras em Rede (PPLP)
 Unidade Itabaiana



TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: Nas trilhas do romance: uma leitura literária do romance Donzela Guerreira.

Pesquisador responsável: Kathiuscia Santos de Brito

Orientador: Prof. Dr^a Jeane de Cássia Nascimento Santos

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

Local da coleta de dados:

A pesquisadora do projeto Kathiuscia Santos de Brito se compromete a preservar a privacidade dos sujeitos da pesquisa, cujos dados serão coletados através de questionários, gravações ou filmagens. A pesquisadora também concorda com a utilização dos dados única e exclusivamente para a execução do presente projeto. A divulgação das informações só será realizada de forma anônima e os dados coletados, bem como os Termos de Consentimento Livre Esclarecido e o Termo de Compromisso de Coleta, serão mantidos sob a guarda do Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede, da Unidade de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe, por um período de (cinco anos), sob a responsabilidade da professora Kathiuscia Santos de Brito. Após este período, os dados serão destruídos.

Itabaiana, ____ de _____ de 2020.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Kathiuscia Santo de Brito	
Jeane de Cássia Nascimento Santos	

ANEXO B – TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
 CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
 Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras em Rede (PPLP)
 Unidade Itabaiana

TERMO DE COMPROMISSO PARA COLETA DE DADOS EM ARQUIVOS

Título do projeto: Nas trilhas do romance: uma leitura literária do romance Donzela Guerreira.

Pesquisador responsável: Kathiuscia Santos de Brito

Orientador: Jeane de Cássia Nascimento Santos

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Sergipe/ Unidade Itabaiana

Telefones para contato: (75) 99999-1442

A pesquisadora do projeto acima declara estar ciente das normas, resoluções e leis brasileiras que normatizam a utilização de documentos para coleta de dados identificados e, na impossibilidade de obtenção do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), devido a óbitos de informantes, assume o compromisso de:

- I. Preservar a privacidade dos sujeitos, cujos dados serão coletados;
- II. Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do projeto em questão;
- III. Assegurar que as informações obtidas serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar os sujeitos da pesquisa.

Itabaiana, ___ de _____ de 2020.

NOME DA EQUIPE EXECUTORA	ASSINATURAS
Kathiuscia Santos de Brito	
Jeane de Cássia Nascimento Santos	

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana

**Termo de consentimento livre esclarecido**

Eu, _____, aluno(a) do nono ano do ensino fundamental, da Escola Estadual Epifânio Dória, localizada no município de Poço Verde/SE, autorizo a professora Kathiuscia Santos de Brito utilizar minha imagem e minhas produções referentes às atividades relacionadas ao projeto **Nas trilhas do romance: uma leitura literária do romance Donzela Guerreira**, desenvolvido pela mesma, em uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, junto à Universidade Federal de Sergipe.

Estou ciente de que as produções serão despessoalizadas e de que minha identidade será mantida em sigilo.

Itabaiana, ____ de _____ de 2020.

Assinatura por extenso

ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
Programa de Pós-Graduação em Letras Profissional em Rede (PPLP)
Unidade Itabaiana



Como tenho menos de 18 anos, meu responsável legal também assina o documento.

Eu, _____, residente na cidade de _____, no Estado de Sergipe, assino a cessão de direitos da produção do aluno acima identificado, desde que seja preservado o sigilo como manda o Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, resolução 196/96 versão 2012.

Itabaiana, ____ de _____ de 2020.

Assinatura por extenso